Senador Marcos Do Val diz que Bolsonaro conspirou para impedir posse de Lula

ISTOÉ

Esse trio vai dar certo?

O **novo Congresso** será mais conservador, e o **Centrão** terá maior força. **Lula negociou seu apoio** com a nova cúpula, mas corre o **risco de não conseguir aprovar mudanças constitucionais no Senado,** mesmo com a vitória de Rodrigo Pacheco, e de **ficar totalmente dependente** de Arthur Lira na Câmara

JHSF

CLUBE DE SURF EXCLUSIVO PARA MEMBROS
COM A QUALIDADE E A EXCELÊNCIA JHSF

COMPLETA ESTRUTURA DE SURF, REUNINDO ESPORTE, LAZER E GASTRONOMIA

PISCINA COM TECNOLOGIA PERFECTSWELL®

SURF CLUBHOUSE COM RESTAURANTE

SPA COMPLETO E ACADEMIA COM EQUIPAMENTOS DE ÚLTIMA GERAÇÃO

QUADRAS DE TÊNIS COBERTAS E QUADRAS DE BEACH TENNIS

MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO SÃO PAULO SURF CLUB

JHSF

ENTREVISTA

JOSÉ GUIMARÃES (PT-CE)

Líder do governo na Câmara

"A OPOSIÇÃO FERRENHA SERÁ SÓ DO BOLSONARISMO RAIZ"

Por Ana Viriato

Homem de confiança de Lula, o líder do governo na Câmara, José Guimarães (PT-CE), sinaliza que, apesar do apoio do PT ao projeto vitorioso de reeleição de Arthur Lira à Presidência da Câmara, a nova gestão não planeja tê-lo como uma espécie de "primeiro-ministro", como fez Jair Bolsonaro. "Nem o Planalto pode ser um puxadinho da Câmara, nem a Câmara pode ser um puxadinho do Planalto", pontua. Responsável pelas negociações para arregimentar votos para o governo na Casa, o deputado reconhece que Lula larga sem uma base sólida no parlamento, mas minimiza o imbróglio. "Base não se constrói por decreto. Base se constitui com diálogo e gestos", diz o parlamentar. Guimarães acrescenta ser o momento de o País se debruçar sobre temas econômicos, como a Reforma Tributária e a construção de uma nova âncora fiscal, e deixar de lado o embate ideológico. Ele afirma haver um "clima favorável" para virar a página do bolsonarismo, sobretudo em razão de dois episódios que chocaram o Brasil e a comunidade internacional no último mês: o atentado contra os Três Poderes e o genocídio dos yanom amis. "Bolsonaro foi um capítulo da história que envergonha todos nós", completa, em entrevista a ISTOÉ.

CONTRA O FISIOLOGISMO
"A relação umbilical entre o Centrão e o Planalto é página virada"

No governo Bolsonaro, Arthur Lira exerceu basicamente o papel de primeiro-ministro. O deputado terá o mesmo poder na atual gestão?

A relação entre Câmara e Planalto precisa ser respeitosa, institucional e de compromisso com o país. Nada mais do que isso. Nem o Planalto pode ser um puxadinho da Câmara, nem a Câmara pode ser um puxadinho do Planalto.

FOTOS: WENDERSON ARAUJO; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

Tem que haver civilização e parceria. A experiência da eleição de Lula para cá tem sido positiva. Em todos os momentos, não faltaram gestos de colaboração de Lira. Ele foi o primeiro a reconhecer o resultado das urnas em um momento de estabilidade. Atuou como um colaborador importante na aprovação da PEC do Bolsa-Família e, agora, está sendo um interlocutor importante nas relações que estamos construindo para o governo ter uma base política e programática sólida na Câmara. Temos conversas de alto nível com Lira e é por isso que ele recebeu apoio tão amplo.

"Bolsonaro foi um capítulo da história que envergonha todos nós"

Chico Alencar, que concorreu ao cargo, disse que a reeleição de Lira resultaria no aumento da "capacidade de barganha e chantagem do Centrão". A preocupação não é válida?

Essa era a lógica do governo anterior, não a de agora. A coisa está muito transparente e o orçamento secreto acabou. A relação umbilical entre Centrão e Planalto é página virada. A relação, agora, é institucional entre a Câmara e o governo.

O apoio a Lira abre o caminho para o diálogo com o Progressistas, apesar da relação de atritos entre Ciro Nogueira e Lula?

É uma questão para o futuro. Mas há diversos parlamentares do Progressistas que conversam conosco. Não podemos ter pressa. Base não se constrói por decreto. Base se constitui com diálogo e gestos. O tudo ou nada não pode ser a regra no parlamento.

Alguns partidos, ainda que agraciados com cargos no governo, não garantem votos a Lula. O União Brasil, por exemplo, tem metade da bancada pendente à oposição. Como lidar com a discrepância?

A posse dos deputados ocorreu nesta semana. Como pode-se dizer que o governo não terá os votos? Estamos em um processo de construção de uma nova base. Cremos que a oposição ferrenha a Lula partirá somente do bolsonarismo raiz. Todas as demais forças políticas estão abertas ao diálogo e à possibilidade de garantia de governabilidade.

A ausência de Bolsonaro do País, que deixa a oposição sem uma liderança, facilita a vida do governo?

Tanto faz. Bolsonaro é uma página a ser virada. O clima é favorável a isso. Ninguém se esquece dele por causa dos atentados de 8 de janeiro.

O ex-presidente tem responsabilidade sobre o Capitólio brasileiro?

Bolsonaro foi um capítulo da história que envergonha todos nós. As pessoas falam do dia 8, mas o atentado foi a conclusão de um processo de quatro anos. Quem não lembra das ameaças constantes que o ex-presidente fazia no cercadinho contra o STF e o Congresso. Aos poucos, construiu um ambiente para, ao não reconhecer o resultado das urnas, tentar um golpe fracassado e que só maculou ainda mais a imagem dos fascistas. O mundo ficou chocado. Foi pior que o Capitólio. Esse vandalismo vulgar da extrema direita não pode conviver com a democracia. Os poderes da República precisam ser mais exigentes e duros contra quem atenta contra a Constituição.

Lideranças petistas, antes entusiastas da CPI dos Atos Antidemocráticos, agora são contra. O que mudou?

Eu, desde o começo, fui contra. Por que? Os atos praticados precisam ser investigados pela Polícia Federal.

A CPI acirraria os ânimos em um momento de tentativa de pacificação?

Não podemos banalizar um instrumento importante de investigação como uma CPI. A comissão investigaria o que de diferente da PF? Está claro que quem praticou os fatos foram fascistas – estão sendo identificados, com base em filmagens e outras estratégias, e processados. Cadeia para eles. Há até parlamentares envolvidos às claras. CPI é para quando não há investigação por órgãos de controle. Temos um exemplo recente: a CPI da Covid. Por que, naquele momento, ela era necessária e fundamental? Porque a PGR não fazia nada enquanto as pessoas estavam morrendo e o Ministério da Saúde cometendo corrupção numa rede de irregularidades em torno da compra de vacinas.

O sr. mencionou parlamentares. Cabe ao Conselho de Ética a cassação do mandato de deputados que insuflaram atos golpistas?

Todos nós acabamos de tomar posse e ainda não sei se algum partido vai mover processos de cassação. O que digo é >>

o seguinte: quem participou de forma direta ou indireta do dia 8 precisa ser punido, seja parlamentar ou não; seja militar ou não; seja empresário ou não.

Valdemar Costa Neto declarou que todo o entorno de Bolsonaro tinha minutas de decretos golpistas similares àquelas do Anderson Torres. É prova de que o ex-presidente realmente cogitou tentar reverter o resultado da eleição?

É temerário garantir. Que o bolsonarismo participou ativamente é certo. Mas as personalidades envolvidas só podem ser apontadas pela investigação.

Pulando para a Economia. A reforma tributária é um tema caro ao governo. Qual deve ser a PEC a andar primeiro — a da Câmara ou a do Senado?

O ministro Fernando Haddad tem reiterado que quer, ainda no primeiro semestre, enviar uma proposta de Reforma Tributária. Temos duas bases aqui dentro – a PEC 45 (Câmara) e a PEC 110 (Senado). Temos que pegar as duas e pensar em um texto que dê conta, por partes, da necessidade do País na questão de uma repactuação federativa, do consumo e da renda. O Brasil não tem como retomar o crescimento econômico com força, com geração de emprego e renda, sem a reforma. A orientação é que o andar de cima pague alguma coisa e não apenas o debaixo. Sou muito simpático à PEC 45, até mesmo porque a bancada do PT participou ativamente da discussão a partir de núcleos da Fundação Perseu Abramo. É um bom começo. Mas todos discutirão juntos. Digo que temos dois grandes desafios para este início de ano, além das medidas provisórias, como a do Bolsa-Família e a do Carf. Trata-se da reforma e da nova âncora fiscal para dar segurança jurídica ao País.

A nova âncora fiscal tem sido vista com desconfiança, sobretudo pelo mistério que o governo faz a dois meses da entrega do texto.

A discussão com a sociedade será ampla. Participarão empresários, trabalhadores e governadores. É um tema decisivo para o futuro do Brasil.

Mas não seria necessária mais transparência? O fato de a âncora não ser estabelecida por PEC já agita o mercado.

Em todas as economias mais desenvolvidas do mundo, a questão do gasto não é constitucionalizada. Eu prefiro uma regra clara e respeitada do que a colcha de retalhos de Bolsonaro. O ex-presidente furou o teto de gastos, que virou um dogma, em R$ 800 bilhões. Aquilo era uma marmota. Foi o maior desarranjo do País e com a chancela de Paulo Guedes, querido por muitos. Ninguém falou nada, como se fosse normal. Aí, quando aprovamos R$ 145 bilhões para o Bolsa-Família e investimentos, vem a chiadeira. Não pode ter teto de gastos só para inibir programas sociais. Precisa ser uma regra que valha para todos. Para o mercado, tudo. E para os pobres, nada? Precisamos de equilíbrio. É como Lula fala: "O pai de família não gasta mais do que ganha". Mas ninguém pode conviver numa sociedade com essa quantidade de pobres. O país voltou ao Mapa da Fome. Isso não incomoda?

A crise dos yanomamis reforçou a pauta ambiental. Há no radar do parlamento a expectativa de endurecimento da lei para coibir o garimpo ilegal?

O Meio Ambiente é uma das prioridades do governo. Não é à toa que Lula colocou Marina como ministra. O mundo está olhando para o Brasil. Precisamos aperfeiçoar a legislação, reequipar órgãos de fiscalização, reduzir o desmatamento. O liberou geral dos últimos anos não pode persistir. O que aconteceu com os yanomamis chocou o mundo – e aconteceu com o garimpo atuando ilegalmente. O pior é que o caso se repete em muitos outros cantos, porque a Amazônia passou a ser terra sem lei. Fazem o que querem, porque havia um ministro como Ricardo Salles. Deixaram a boiada passar, e aí está a boiada matando os yanomamis.

> "Temos conversas de alto nível com Lira e é por isso que ele recebeu apoio tão amplo"

Antonio Denarium afirmou que a crise dos Yanomamis não é responsabilidade do governo de Roraima e pontuou que todos os ex-presidentes, ao longo dos últimos 20 anos, têm uma parcela de culpa. O sr. concorda?

Eu não sou juiz para dizer de quem é a responsabilidade. Mas vamos pela lógica. Essas crianças não morreram há dez anos. Morreram agora. Estávamos fora do governo há seis anos. Os últimos quatro anos foram particularmente difíceis para os indígenas pela pandemia, pela falta de alimentos, pela contaminação decorrente da poluição das águas. A PF deve investigar as responsabilidades por esse genocídio. ■

FOTO: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

Marketing de recompensas:

conquiste, engaje e fidelize clientes

Como fidelizar meus clientes? Como engajar mais? Como me diferenciar e conquistar promotores para a minha marca? Se você é gestor de alguma empresa ou trabalha com marketing, com certeza tem ou já teve essas dúvidas. Em cenários cada vez mais competitivos, é comum que as empresas busquem estratégias capazes de conquistar clientes e estreitar a relação com eles.

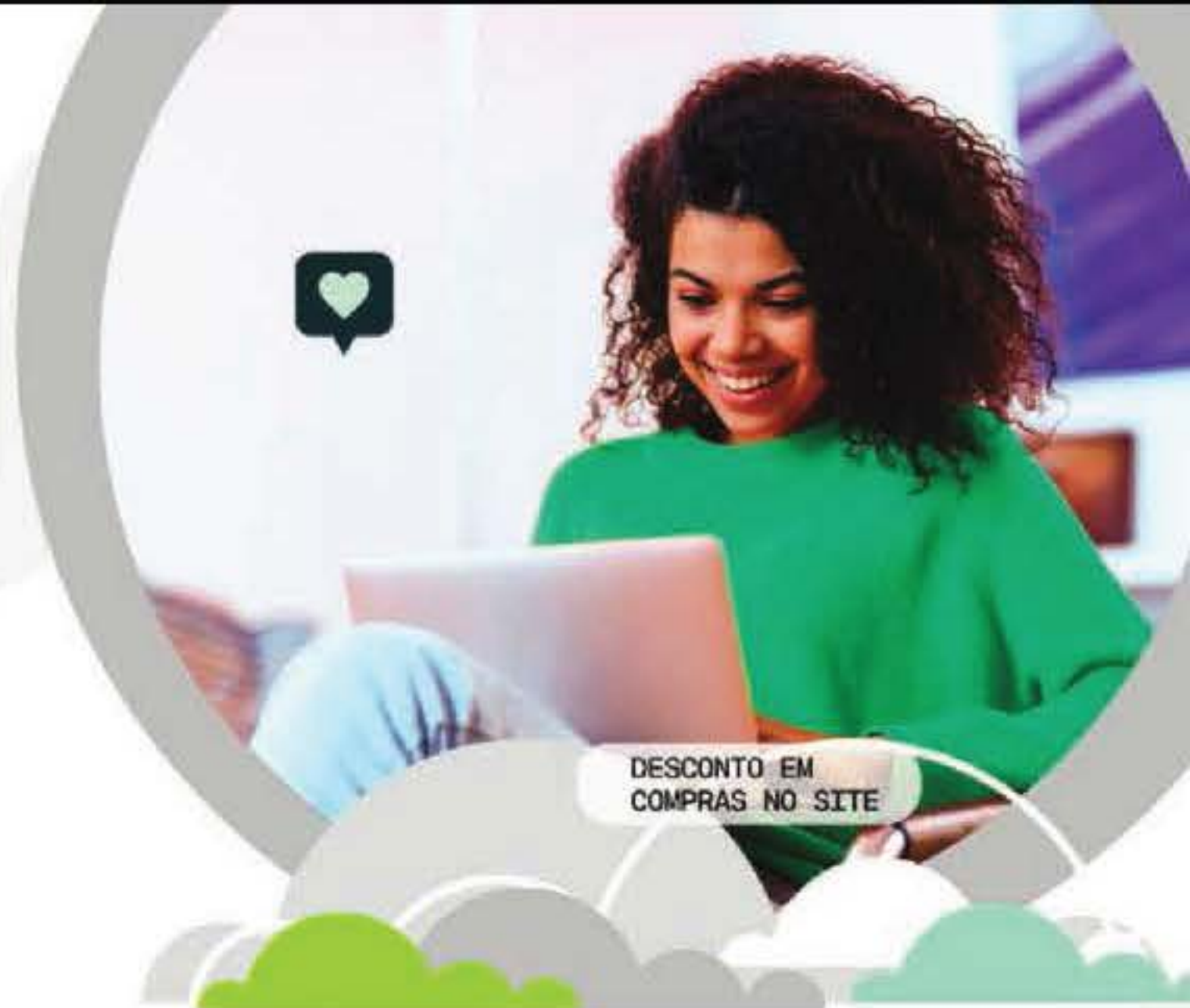
E com tanta informação, possibilidades e oportunidades surgindo a todo momento para os consumidores, sai na frente a empresa que consegue desenvolver ações que não só reconhecem a importância do cliente, como também resultam em otimização do engajamento e fidelização. Mas, afinal, o que fazer para destacar a sua marca?

Uma das possibilidades que surgiu no mercado e tem chamado a atenção, principalmente por ser acessível para empresas de todos os tamanhos, é o marketing de recompensas. Essa é uma estratégia de marketing que tem como objetivo estreitar a relação entre a marca e os seus clientes, por meio de um programa de recompensas.

Quais os benefícios de utilizar o marketing de recompensas?

A construção de um relacionamento de confiança entre as marcas e os seus clientes é essencial para qualquer empresa. Um cliente satisfeito pode se tornar um aliado especial, pois pode ser também um divulgador da sua marca.

O que muitas empresas ainda não conseguiram definir é a melhor forma de promover o engajamento e entusiasmar o consumidor a se relacionar mais estreitamente com a marca. Foi nesse contexto que surgiram os programas de fidelidade, em que o cliente adquire produtos ou serviços, ganha pontos e depois pode trocar por benefícios.

Um dos principais desafios nessa estratégia é a dificuldade, para o cliente, em reunir a quantidade de pontos necessária para fazer a troca. Além disso, o programa de fidelidade às vezes generaliza o perfil dos participantes. Por isso, algumas empresas já têm repensado a maneira de recompensar seus clientes.

E qual é esse novo jeito de se relacionar e encantar o seu público?

No Brasil, o marketing de recompensas já tem sido a escolha de grandes empresas do varejo, setor financeiro e até de startups.

A empresa líder nesse segmento é a Minu, que já atua há 14 anos oferecendo soluções com entregas de recompensas instantâneas, sem burocracia ou necessidade de acúmulo de pontos.

A estratégia une inovação, tecnologia e praticidade para oferecer a melhor solução em campanhas de marketing com entrega de recompensas instantâneas, que atendem a diferentes perfis de consumidores. "O marketing de recompensas valoriza a experiência de compra. Ninguém precisa esperar semanas ou até meses para ter a recompensa. O cliente resgata e recebe instantaneamente. Oferecemos um catálogo digital com centenas de parceiros e mais de 600 ofertas para as empresas disponibilizarem aos consumidores, com opções que vão desde créditos em telefonia e internet até descontos em produtos ou serviços de lojas parceiras.", conta o vice-presidente comercial e de marketing da Minu, Oswaldo Oggiam.

No momento em que o consumidor ganha imediatamente uma nova experiência e pode usufruir de maneira fácil e rápida, é muito provável que queira continuar se relacionando com a marca. Então, se a sua empresa procura adquirir ou reter clientes, trazendo retorno positivo, com baixo investimento e alta percepção de valor, o marketing de recompensas pode ser a solução ideal.

Carlos José Marques, *diretor editorial*

GOVERNO LULA, O INÍCIO 3

Passado o primeiro mês da volta tumultuada do demiurgo de Garanhuns ao poder, muitos ainda alimentam dúvidas e receios sobre como será conduzido o governo daqui para frente. Os temores residem especialmente sobre o pendor gastador que parece acometer quase toda a equipe. Do Planalto, Lula emitiu alguns sinais preocupantes. Falou em aumentar a meta da inflação, reclamou da independência do Banco Central e parece convencido de que despesa pública - qualquer uma - deva ser encarada como investimento. Ledo engano, muito embora seja ele movido pela ideia firme (e essa de boa índole) de não medir esforços, nem dinheiro, para resgatar da extrema pobreza as camadas mais carentes da população. O presidente tem um legado a construir e tenta apagar as máculas de outrora na trajetória. Constituiu um ministério recorde, com 37 postos, cuja intenção é cobrir todas as áreas de demandas sociais. Com a eleição no Congresso, inicia de fato a sua grande empreitada. Dará partida ao aparelhamento dos postos-chaves, em estatais, autarquias, agências reguladoras com uma plêiade de participantes do segundo e terceiro escalões simpatizantes à causa. Quer mapear a correlação de forças entre o Senado e a Câmara para compor a linha de frente do Executivo. Nesse tocante, Lula é bem experimentado. Habilidoso, sabe que será decisivo o perfeito entendimento com a força legislativa para poder levar adiante as propostas e ideias que tem em mente. Sabe também que está em desvantagem concreta: o Congresso é majoritariamente conservador e, em significativa parte, opositor. A estratégia para driblar tamanho impeditivo administrativo passa por coalizões com a cúpula dos partidos, sem limites ideológicos encarados como barreiras. Mesmo com os presidentes das duas Casas parlamentares procura criar condições de governabilidade e relações, no mínimo, republicanas. O chefão dos deputados, Arthur Lira, é de fato e vem sendo tratado como uma espécie de primeiro-ministro. Com a curriola do Centrão nas mãos, Lira não esconde de ninguém o apetite que possui por cargos, verbas e influência. Será, talvez, o grande muro de contenção a barrar a avalanche de propostas de Lula. E elas são, certamente, de monta. A começar pelas reformas. É o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, quem anuncia: "esse será um governo de alta intensidade em reformas". O que ele busca dizer com isso? Turbinado e orientado por Lula, Haddad está convencido que aprovará nesse ano, principalmente, a tão discutida e esperada Reforma Tributária e tentará outras a seguir (trabalhista e administrativa no roteiro). Está correndo nesse sentido. Promete, já em abril, montar um arcabouço fiscal novo e planeja para o segundo semestre a aprovação de mudanças completas na área que passam, inclusive, pelo Imposto de Renda. É música para os ouvidos do setor produtivo, muito embora exista o receio de que venha embutido nas alterações um aumento da carga - o que seria desastroso para a sonhada retomada econômica. Segundo o ministro, muitos procuram respostas rápidas e simples como se, na avaliação dele, "o governo atual devesse dar conta dos problemas herdados do passado". Existe, não há dúvida, uma enorme expectativa mesmo. Mas a agenda do presidente Lula passa por um programa maior que o do mero atendimento aos apelos empresariais. No plano externo (seu foco desde o início), a intenção é mostrar que o Brasil tem uma visão mais vanguardista, seja tanto no campo ambiental quanto no social, e de participação ativa no concerto das nações. O mandatário iniciou agora um circuito de visitas internacionais que será intensa ao longo do ano, com interlocutores dos principais países. Tem ainda recebido dentro de casa algumas autoridades relevantes como o chanceler alemão, Olaf Scholz, que esteve por aqui nessa semana e deixou de quebra nada menos que R$ 1 bilhão em recursos para projetos sustentáveis. Nessa pauta, especificamente, o Brasil tem muito a ganhar mundo afora e Lula sabe disso. Ele está em busca de ações ruidosas no plano global. Equivoca-se quando tenta reeditar a natureza paternalista de esteio das nações vizinhas em dificuldades, anunciando empréstimos do BNDES a quem já demonstrou, com calotes milionários, a intenção oportunista de levar sem contrapartidas. Porém, no todo, vai gerando ótima impressão. Para além da política externa de aproximação, dentro do Brasil partiu para rearrumar o que foram deturpações gigantescas da gestão passada. No tocante a armas, por exemplo, cujo porte e posse dispararam em um ritmo sem precedentes, Lula reinicia agora um amplo movimento de desarmamento. Na virada do mês anunciou a exigência de registro na PF de todas as armas dentro de um prazo de até 60 dias. É o começo de um plano para sufocar os abusos. Tenta também conter a barbárie praticada contra povos indígenas. Foi para cima dos garimpeiros. Passou a controlar o espaço aéreo na região das aldeias e quer proibir de vez o garimpo. No limite, Lula será intransigente com todos aqueles - do mercado financeiro aos madeireiros ilegais - que atrapalharem seus planos de deixar uma marca de gestão progressista e inesquecível. ■

FOTO: UESLEI MARCELINO/REUTERS

Sumário

Nº 2766 - 8 de fevereiro de 2023
ISTOE.COM.BR

20

CAPA Ao negociar apoio com a nova cúpula de um Congresso mais conservador, no qual o Centrão se fortalece, o presidente Lula corre o risco de ver esvaziar as suas propostas constitucionais e se tornar refém de Arthur Lira

COMPORTAMENTO Depois de tanto isolamento devido à Covid, chegou-se ao Carnaval da descompressão social. Isso também ocorreu no início do século XX com a gripe espanhola. Na época, passada a alegria, a pandemia voltou. E agora, quais são os riscos?

INTERNACIONAL Há dois meses o Peru atravessa uma de suas mais graves convulsões políticas. O epicentro da anomia são a proposta de antecipação das eleições gerais e a instalação de uma assembléia constituinte

CULTURA Chega às livrarias *O avesso do bordado*, biografia da qual já se sentia falta: a do ator Marco Nanini, hoje com 74 anos de idade e 58 de carreira artística

FOTO CAPA: EVARISTO SÁ/AFP
FOTOS EDITORIAIS: EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS; SEBASTIAN CASTANEDA/REUTERS/FOLHAPRESS; FLÁVIO COLKER

por Felipe Machado

Editor de Cultura de ISTOÉ

O DIREITO DIGITAL EM JOGO

A Justiça brasileira tarda e, invariavelmente, falha. Há inúmeras razões para isso, desde a morosidade de um sistema analógico que resiste à digitalização à leniência gerada pelas instâncias infinitas que permitem a qualquer advogado mediano protelar. É por tudo isso que nossa justiça criminal é uma das piores do mundo: segundo o ranking *World Justice Project: Rule of Law Index*, de 2021, ocupamos a 112ª posição mundial, entre 139 países avaliados.

Há outro componente, no entanto, que atrapalha a punição – e isso, sejamos justos, não é exclusividade do Brasil. Trata-se da velocidade com que novas formas de delitos são criadas, versus a lerdeza com que a legislação que os pune é criada. Os criminosos são sempre mais rápidos e, por que não admitir, mais criativos. Existe outro agravante: a fluidez permissiva do ambiente virtual, que dificulta rastreamentos de mensagens criptografadas, mapeamento de perfis em redes sociais e outras transgressões digitais. Esse novo cenário exige respostas mais ágeis e uma tipificação adequada para os atividades online que não estão previstas no código penal. Um novo arcabouço jurídico tem de ser criado para coibir a atuação da extrema-direita, porque ela se vale de uma falsa leitura do conceito da liberdade de expressão para destruir a democracia.

Minha sugestão é simples: punição virtual para atos virtuais. Isso não se aplica, claro, aos vândalos que atacaram Brasília em 8 de janeiro ou outros crimes de ódio. Esses merecem prisão. Estou falando dos valentões das redes sociais, dos tios do zap que se escondem por trás das telas, dos organizadores de comunidades extremistas. Para eles, a punição que sugiro é a perda dos direitos digitais. De acordo com a gravidade do caso e extensão da sentença, seriam proibidos de acessar aplicativos como Whatsapp e Telegram; impossibilitados de realizar transações bancárias online; proibidos de manter perfis em redes sociais; e por aí vai. Durante o período da condenação, teriam a liberdade digital restrita. Em vez de serem confinados, seriam suspensos da vida online durante a vigência da decisão. Em paralelo, a decisão deve afetar também as plataformas que permitiram o cometer o crime. Se alguém veicula ameaças de morte na TV, a emissora é responsabilizada. Por que seria diferente no Youtube, que chega ao público exatamente da mesma maneira? Por que uma rádio deve seguir a Constituição e sua versão online, não? Está na hora da Justiça pensar em penas mais adequadas ao mundo de hoje. Tenho certeza de que, para muita gente, o medo de perder o direito digital será algo assustador.

Temos de pensar em penas adequadas à realidade. Para muitos, ter a liberdade online suspensa será algo assustador

O PASSADO QUE NÃO PASSA!

Tornaram-se frequentes manifestações racistas nos campos de futebol, acentuadamente os europeus. De tão frequentes, parecem fazer parte da regra do jogo, impondo-se como um padrão inviolável que baliza as reações dos criminosos torcedores. Mas por que tais manifestações se repetem e ganham a dimensão que ganham? O exemplo mais recente estremece as bases da comunidade planetária. Ou pelo menos deveria. Vamos aos fatos. Torcedores do Atlético de Madrid penduraram um boneco negro, com a camisa 20, uma inequívoca alusão ao jogador brasileiro Vinícius Jr., mais conhecido como Vini Jr., do Real Madrid. A imagem não deixa margem à dúvida, trata-se de uma cena de linchamento que escolhe o alvo de sempre: corpos negros e assemelhados.

Torcedores do Atlético de Madrid penduraram um boneco negro perto do estádio. Trata-se de uma alusão ao jogador brasileiro Vinícius Jr. O episódio é uma representação de ódio travestida de rivalidade futebolística

por Rosane Borges

Jornalista

O próprio jogador Vinícius Jr. disse que situações como essa se repetem porque os criminosos não são punidos como deveriam. Efetivamente, os clubes não fazem nada mais do que repudiar os atos racistas. O boneco enforcado é sinal estridente de que chegou a hora de decisões mais enérgicas para evitar tamanha manifestação de ódio, travestida de rivalidade futebolística. Mas, ao que tudo indica, a repetição encontra amparo no racismo nosso de cada dia que se conecta com práticas residuais que sedimentaram as camadas de nossa existência coletiva. Linchamentos de corpos negros nos EUA e no Brasil, para ficarmos apenas em dois casos, foram mola propulsora da destituição das humanidades subalternizadas, azeitados pelos ideais de supremacia branca. Como não lembrar os enforcamentos de negros nas árvores em pleno século XX nos Estados Unidos? Como não atentar para os persistentes linchamentos de pretos e pobres, quase todos pretos?

Uma prática residual, como lembra o sociólogo Raymond Williams, não é simplesmente uma prática arcaica. Esta diz respeito às formas históricas que não servem mais para nenhuma função cultural reconhecida. Aquela concerne àquilo que pode permanecer na memória coletiva, ser usado como recurso para a construção de laços sociais. Como somos testemunhas, o linchamento nos campos de futebol e fora dele é prática que permanece na memória coletiva porque laboramos para que se torne perene e tido como força do hábito que revela com o que pactuamos enquanto sociedade e indivíduos.

por Cristiano Noronha

Cientista político

ETERNAS LIÇÕES DE MANDELA

Logo depois de 8 de janeiro, dia em que apoiadores radicais do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) invadiram prédios na Praça dos Três Poderes, em Brasília, viajei para a África do Sul. Uma viagem com a família planejada havia um ano. Em Joanesburgo, visitamos o Museu do Apartheid e o Soweto, onde fica a casa em que Nelson Mandela morava antes de ser preso. São visitas que te levam numa viagem pelo tempo e permitem reflexões profundas sobre a luta pela igualdade e pela diversidade, pelo respeito e pela democracia. Não há como não se emocionar diante de farto registro de imagens, filmes e objetos que se reportam à luta contra o preconceito racial.

As fotos de Hector Pieterson, um garoto sul-africano de 12 anos morto em 1976, nos braços de uma colega que fugia de uma ação policial durante confrontos ocorridos em Soweto em pleno apartheid, ganhou proporções gigantescas e fez o mundo olhar para a região com mais atenção. A partir daí, aumentou a pressão pela libertação de Mandela, preso desde 1963. Após 27 anos de prisão, Mandela chegou à presidência da República. Por isso pessoas próximas a ele e muitos dos apoiadores de seus ideais esperavam uma espécie de acerto de contas contra aqueles que defendiam e promoviam a segregação. Até mesmo os adversários de Mandela acreditavam que isso aconteceria.

Não foi esse o caminho seguido por ele. Seu discurso foi o da conciliação. Seu maior objetivo era unir o país, criando uma África do Sul mais inclusiva. No discurso de posse, Mandela criticou duramente o passado de racismo institucionalizado no país, mas convocou toda a população a se unir em torno da paz e da justiça. Disse ainda que assumiria o comando do país para construir uma nação arco-íris, "na qual todos os sul-africanos, quer sejam negros ou brancos, possam caminhar de cabeça erguida, sem receios no coração, certos do seu inalienável direito à dignidade humana".

Seu discurso foi o da conciliação. Seu maior objetivo era unir o país, criando uma África do Sul mais inclusiva

Há alguns anos o Brasil vive uma forte polarização. O debate em torno das últimas eleições tem sido pobre e superficial. Um elevado nível de atrito por conta de posições ideológicas inclusive entre pessoas da mesma família tornou-se comum no país. Não estou comparando o apartheid da África do Sul com a polarização que vivemos aqui. Mas nossos líderes políticos deveriam, sim, inspirar-se em Nelson Mandela. Em seu esforço em busca da conciliação e da união do País. Lula, como presidente da República, deveria se concentrar em promover o apaziguamento e o distensionamento. Isso não significa que as pessoas que cometeram aqueles atos repudiáveis contra os Poderes da República não devam ser punidas no rigor da lei.

por Fernando Lavieri

Frases

"O espancamento cruel e injustificado que causou a morte de Tyre Nichols demonstra que os EUA têm de mudar completamente a forma de policiamento nas ruas"

BARACK OBAMA, ex-presidente dos EUA

"As melhores soluções para o Brasil saem de suas periferias"

TIARAJU PABLO D'ANDREA, sociólogo

"EU ACOMPANHEI A COPA DO MUNDO, ESPECIALMENTE A SELEÇÃO BRASILEIRA"

BRAD PITT, ator norte-americano

"É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS QUE O BRASIL APOIE A ANTECIPAÇÃO DAS ELEIÇÕES NO PERU"

RÔMULO ACURIO,
embaixador peruano no Brasil

"QUARENTEI CHEIA DE PLANOS ARTÍSTICOS PARA O FUTURO"

SANDY,
cantora, ao completar 40 anos de idade

“Não me considero galã fora da ficção”

ANTONIO FAGUNDES, ator

“OS YANOMAMIS NUNCA MORRERAM DE FOME ANTES”

DAVI KOPENAWA,
líder Yanomami

“LULA SÓ PRECISA TER VONTADE POLÍTICA PARA TIRAR OS GARIMPEIROS DAS TERRAS INDÍGENAS ”

SYDNEY POSSUELO,
sertanista

“É INADMISSÍVEL QUE PESSOAS TRANS TENHAM MENOS DIREITOS QUE O RESTANTE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA”

RENATO MEIRELLES, presidente do Instituto Locomotiva, referindo-se à pesquisa que realizou. Ela mostrou que nove entre dez pessoas trans não saem de casa por medo de agressão física

“VAMOS ACABAR COM A POLÍTICA DO ÓDIO CONTRA AS PESSOAS LGBTQIA+ QUE FOI INSTITUÍDANOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS”

SYMMY LARRAT, secretária nacional de Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas, órgão ligado ao Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania

“Vamos contribuir rapidamente para salvar a Floresta Amazônica”

SVENJA SCHULZE,
ministra da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento da Alemanha, ao definir que a doação de R$ 1 bilhão para o Brasil será feita durante os primeiros cem dias de governo Lula

“QUANDO ÉRAMOS CRIANÇAS NOS ESCONDÍAMOS NA ÁREA DE SERVIÇO. LEMBRO-ME DA MARCHA, DAS BOTAS DOS SOLDADOS NAZISTAS BATENDO NO CHÃO”

MARIKA GIDALI,
bailarina húngara que vive no Brasil

“TIVE A RETAGUARDA MAIS LOUCA DO TORNEIO”

ARYNA SABALENKA,
tenista bielorrussa, referindo-se a seu estafe, após vencer o Aberto da Austrália

FOTOS: BRYNN ANDERSON/AP PHOTO; WALLACE SILVA/FUTURA PRESS; PAUL CROCK/AFP; GUITO MORETO/AGÊNCIA O GLOBO

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ana Viriato

Brasil Confidencial

VOLTA POR CIMA
Dino virou a mesa: de ministro inseguro, transformou-se em destaque do governo

A sensatez de Dino

O ministro da Justiça, **Flávio Dino** (PSB), está se destacando tanto no governo que já está provocando ciúmes entre os colegas petistas. Depois de ter começado mal nos primeiros momentos da gestão da crise provocada pelos ataques terroristas aos Três Poderes, menosprezando a mobilização dos golpistas, recuperou-se rapidamente ao convencer o presidente da urgência da intervenção na segurança do DF e hoje tem tudo sob controle. Mais de mil criminosos ainda estão na cadeia e servem de exemplo para futuros fascistas que ensejarem novo atentado à democracia. Sensato, sabe que ainda há muito a fazer para matar no ninho o ovo da serpente do bolsonarismo odiento. E, por isso, acaba de apresentar a Lula um pacote de medidas para conter o avanço do terror político no Brasil.

Guarda

Entre as propostas que serão enviadas ao Congresso nos próximos dias pelo governo, Dino propõe a criação da Guarda Nacional, que deverá ser criada para defender os palácios dos Poderes em Brasília, mas esse batalhão especial, com 4 mil homens, não substituirá a Força Nacional, que tem 1.500 militares para enfrentar o crime organizado no País.

Controle

Dino propôs outros três projetos a Lula. Um deles é polêmico. Obriga as plataformas digitais a retirar do ar, em até 2 horas, conteúdos enquadrados como crimes contra a democracia. Caso não retirem, podem pagar multa de R$ 150 mil por dia, como acontece na Justiça Eleitoral durante as campanhas. Pode ser o início do indesejado controle da mídia.

Reforma do Itamaraty

Embora conduza uma reforma em cargos estratégicos, a cúpula do Itamaraty rejeita o uso do termo "faxina". Aliados de Mauro Vieira garantem que, apesar dos estragos feitos por Ernesto Araújo, o Ministério das Relações Exteriores não sucumbiu ao bolsonarismo. Para justificar o troca-troca de embaixadores, dizem que Vieira apenas está substituindo diplomatas pouco experientes por nomes mais seniores.

RÁPIDAS

* Lula levou, em privado, um puxão de orelhas do premier alemão Olaf Scholz por não ter autorizado o envio de munição brasileira para os tanques Leopard, que a Alemanha está enviando para a Ucrânia enfrentar a Rússia. O petista alegou que deseja ficar neutro.

*** Davi Alcolumbre está desconfortável no União Brasil. Dirigentes do partido o acusam de ter negociado ministérios com Lula à revelia dos caciques partidários. Deve deixar a legenda. Já tem convites do PSD e do MDB.**

* Enquanto o marido recusa-se a regressar ao Brasil temendo ser preso, Michelle retornou ao País na semana passada por causa da filha Laura, que volta às aulas. Ela dará expediente no PL, onde receberá R$ 33,7 mil mensais.

*** Bolsonaro legou mais uma conta salgada para Lula pagar. Na tentativa de se reeleger, cortou o ICMS dos Estados para reduzir o preço dos combustíveis, deixando um rombo de R$ 36,9 bi para os atuais governadores.**

RETRATO FALADO

"Elevar a meta da inflação é apagar fogo com gasolina"

***Affonso Celso Pastore**, ex-presidente do BC, disse, ao Valor, que Lula equivoca-se ao afirmar que manter a meta da inflação um pouco mais alta, com os juros mais baixos, seria bom para a economia. "Elevar a meta da inflação é apagar fogo com gasolina", disse o economista, que criticou o presidente também por ter dito que a independência do BC é "bobagem". Para ele, o Brasil precisa reduzir o déficit primário e criar um arcabouço fiscal que respalde a política monetária.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

ORLANDO SILVA (PCDOB-SP), RELATOR DO PL DAS FAKE NEWS NA CÂMARA

O projeto que mira as big techs por infrações à Lei do Estado Democrático de Direito é pertinente?

Acho necessária uma regulação mais ampla. O Congresso debate há três anos um projeto de lei de combate à desinformação. O governo não é obrigado a seguir essa discussão, mas pode considerá-la.

Deveria haver uma reavaliação?

Sim. O discurso de ódio e o golpismo se nutrem da desinformação. O que faz as pessoas tentarem um golpe de Estado é não reconhecerem o resultado das urnas. E isso vem de campanhas de fake news apontando o sistema eleitoral como fraudável.

Pretende, então, articular a inclusão do PL das Fake News na pauta da Câmara?

Minha impressão é de que há ambiente para que apreciemos o projeto.

O Rei Arthur II

No governo Bolsonaro, o presidente da Câmara atuou como o imperador Arthur Lira I. Tudo podia, escorado num orçamento secreto de R$ 19 bilhões, distribuídos aos parlamentares como moeda de troca para sua sustentação no poder. Com a chave do cofre na mão, transformou o capitão numa verdadeira "Rainha da Inglaterra", que fazia vistas grossas para os superfaturamentos embutidos nas emendas parlamentares sob controle do poderoso deputado. Mas, agora, com a posse de Lula, todo mundo pensou que isso fosse mudar, certo? Errado. O alagoano se reelegeu com esmagadora maioria na quarta-feira, 1, com o apoio do petista, e vai ser entronizado como o "Rei Arthur II".

Dinheiro público

Fora o apoio de Lula, Lira usou dinheiro público para se reeleger. Torrou R$ 70 milhões para cooptar deputados. Elevou para R$ 9,3 mil a cota de gasolina que cada parlamentar pode gastar por mês e dobrou o valor do auxílio-moradia (R$ 8,4 mil), além de reajustar os salários dos colegas em 37,32%.

Dança das cadeiras

A eleição para a presidência do Senado provocou intensa mudança partidária e tornou o PSD a maior bancada na Casa. **Mara Gabrilli** deixou o PSDB e Eliziane Gama saiu do Cidadania, ambas rumo ao partido de Gilberto Kassab, que, agora, conta com 15 senadores, dois a mais do que o PL, o que foi decisivo para a reeleição de Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

Volta ao ninho

Já o PT, que tem 9 senadores, deve filiar ao partido Randolfe Rodrigues, da Rede, que já foi petista. Com isso, a legenda de Lula fica com 10 senadores, mesmo número da bancada do MDB e, assim, pode obter cargos mais importantes nas comissões do Senado. Marina Silva, que ficará sem nenhuma cadeira no Salão Azul, não gosta da operação.

A atração dos Republicanos

O presidente Lula quer atrair o Republicanos para sua base aliada. Embora o partido esteja alinhado com o PL de Valdemar, os governistas acham que podem contar com o apoio da metade dos 41 deputados da sigla, presidida pelo deputado Marcos Pereira, pelo menos na votação das pautas econômicas, como a Reforma Tributária. Nas questões de costumes, estão em extremos opostos.

Coluna do Mazzini

COMISSÃO PARA PT BLINDA LULA

A bancada federal criou força-tarefa na Câmara dos Deputados para o partido assumir a presidência da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional. É fundamental para o partido em projetos que ajudam o presidente Lula da Silva. Os nomes do grupo são os dos deputados Carlos Zaratini (SP) e Arlindo Chinaglia (SP) – preterido como ministro da Defesa. A CREDN é o caminho para agenda lulista: com ela, deputados formarão comitivas para defender o legado do presidente e seu nome, em missões no exterior. Por meio dela, o PT também vai trabalhar para blindar os iminentes contratos do BNDES para obras financiadas em governos de países hermanos, como na Argentina, Venezuela e Cuba (sim, já tem uma fila para a retomada dos investimentos bilionários). É na Comissão também que o PT controla a política externa em interface com o Itamaraty e terá em suas mãos o comando da Comissão de Controle das Atividades de Inteligência, que nesse ano passa para o bojo da CREDN e que está paralisada desde 2016.

O PT foca a disputa na Comissão de Relações Exteriores para defender Lula da Silva em missões e controlar debate sobre os investimentos do BNDES

Comboio vai a 'Disney' dos jogos

Uma comitiva de 300 brasileiros do setor de jogos de azar desembarca dia 7 na Inglaterra para a ICE London – embora proibidos aqui, a turma dos bingos investiu em países da América do Sul e Caribe. Eles vão conhecer novidades em loterias e sites de apostas esportivas (o filão de hoje, ainda não regulamentado no Brasil). A organização da feira estima receber mais de 35 mil visitantes. O Brasil continua sendo uma das atenções do mercado mundial. Durante a feira de Londres, haverá painéis e mesa redonda para debater a legalização dos jogos pelo Congresso Nacional e a tardia regulamentação das apostas esportivas pelo Governo federal.

Joenia com bom caixa

A nova presidente da FUNAI, a indígena Joenia Wapichana, só não ajuda os ianomâmi se não quiser. O Governo federal acaba de liberar verba direta essa semana por meio do Fundo Nacional de Saúde. Foram depositados no caixa cerca de R$ 4 milhões em duas rubricas autorizadas para auxílio imediato às aldeias em Roraima. O Palácio acompanha de perto.

Um presentão de Gleisi a Requião

O ex-governador do Paraná Roberto Requião gritou, bateu pé, ameaçou sair do PT (até hoje muita gente não entendeu a filiação), mas o máximo que conseguiu da presidente do partido e sua amiga, Gleisi Hoffmann, é a promessa de uma chefia na Delegação Permanente do Brasil junto à ALADI e ao Mercosul, em Montevideu. A função tem papel semelhante ao de diplomata, com veículo e motorista à disposição e US$ 18 mil de ajuda de custo. Até dias atrás Requião não havia aceitado o presentão, e sonha com um alto cargo na usina de Itaipu. Aliados dizem que ele vai se fazer de difícil até conseguir uma vaga de destaque.

FOTOS: GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS; EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO; ALEXANDRE REZENDE/FOLHAPRESS

por Leandro Mazzini

Colaboraram: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Um estranho tenta entrar no cofre

O PT de Minas quer a todo custo emplacar na vice-presidência da Caixa um aliado do governador Romeu Zema (Novo) - que abriu verborragia figadal contra Lula da Silva na campanha. A ousadia é risível para palacianos em Brasília. O indicado do grupo é o advogado Marcelo Bonfim, de Belo Horizonte. Ocorre que a turma quer atropelar o estatuto do bancão, que prevê para esses casos processo seletivo interno. Bonfim foi grande aliado de Jair Bolsonaro, por tabela, por ter dobrado investimentos do BDMG que comandou, ano passado, para municípios que tinham alinhamento com o governo anterior.

PT da capital ganha Caixa e BB

O PT de Brasília não tem do que reclamar do presidente Lula da Silva. O Barba deixou para chefes da bancada um bom naco do Banco do Brasil e da Caixa em diretorias. A presidente do BB é da cota de Erica Kokay. Geraldo Magela tateia paredes atrás de porta na Caixa para chamar de sua.

A Geni de Brasília

Mal apareceu com o nome na fila para o Tribunal de Contas da União - melhor plano de carreira do mundo -, o deputado federal Jonathan de Jesus (PR-RR) virou a Geni de Brasília, tamanha é a sanha dos concorrentes. Seu telhado de vidro já vem quebrado. Apadrinhado por Arthur Lira, viu uma penca de desafetos soltarem sua ficha corrida.

Se cuida aí, chefe!

Parece que o MDB abandonou Michel Temer. É jogada dupla. Todos os partidos estranharam o silêncio da Executiva nacional ao não defender o ex-presidente da alcunha de golpista, na fala do presidente Lula da Silva. Temer soltou nota sozinho, e que se vire. Para a bancada, o importante é ser aliado do novo Governo.

NOS BASTIDORES

$egurança rendeu bem

Duas empresas de segurança privada concentraram em 2022 os maiores contratos do STF no setor: A Esparta faturou R$ 4.798.670,29; a Zepim Vigilância ganhou R$ 4.006.220,91.

Rumo a Roma

O mais aguerrido na defesa do pai que virou uma sentença ambulante, o vereador Carlos Bolsonaro avisou aos irmãos que só fica no Rio até final do mandato, e ruma para a Itália, onde já teria emprego.

Uma conta do além..

Nem morto José Janene - que deixou muitas pendências - tem paz. Nessa sexta (3) a Receita Federal vai julgar processo em que o ex-deputado é acusado de omissão de rendimentos no IR via depósitos bancários não comprovados e aumento de renda.

Os 100 da Portela

A Portela, uma das mais tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro, convidou as rainhas de bateria para o desfile desse mês para comemorar seus 100 anos. Luiza Brunet e Adriane Galiesteu entre elas.

Semana

TECNOLOGIA

Será em Curitiba a primeira exibição, no Brasil, de um "veículo voador" fabricado por empresa chinesa

AERONAVE ELÉTRICA O famoso eVTOL: voo autônomo a três mil metros de altitude

"Veículos voadores" estão próximos dos brasileiros na vida real e não somente em filmes de ficção com efeitos especiais. Está programado para ocorrer em Curitiba, no mês que vem, o primeiro voo no País do drone chinês eVTOL, fabricado pela empresa EHang e já testado com sucesso na Espanha, no Canadá e EUA - e, claro, na própria China. Trata-se de uma aeronave elétrica de decolagem e pouso verticais e de voo autônomo. Ou seja: **não é necessária a presença de piloto**. O eVTOL transporta duas pessoas e atinge pouco além de três mil metros de altitude -- em Curitiba irá sem ninguém a bordo. **Cada unidade desse tipo de drone não custa menos que quatro milhões de reais**. O exímio piloto brasileiro Fernando de Borthole, que atuou nas experiências dos chamados "carros voadores" da Embraer e Airbus, considera, com razão, que a implantação dos drones eVTOL não é algo simples. Declarou à mídia: "quantas aeronaves cabem dentro de um espaço aéreo? Não adianta apenas pensar: vou voar com cem eVTOLs ao mesmo tempo em cidades como São Paulo ou Curitiba".

INÓSPITO Vênus: temperatura de cerca de 500 graus Celsius

ESPAÇO

Astrônomos se voltam para Vênus, o planeta "irmão gêmeo" da Terra

Em uma soma de esforços, cientistas da Agência Espacial Norte-Americana (NASA) e Agência Espacial Europeia (ESA) tentarão descobrir uma das mais antigas e misteriosas questões da astronomia. Por que Vênus, formado na mesma galáxia que a Terra, com material também advindo do Sistema Solar e dimensões extremamente similares ao diâmetro de nosso planeta (ambos tem pouco mais de doze mil quilômetros) possui um meio ambiente inviável à existência de vida? Por que a temperatura chega a quase 500 graus Celsius? Qual a origem de suas nuvens de dióxido de carbono com ácido sulfúrico que medem 30 quilômetros de espessura? Três missões (não tripuladas) estão sendo organizadas:

- **Missão Davinci (NASA)** – *uma espaçonave orbitará o planeta e, à distância, registrará informações sobre suas nuvens e terreno.*
- **Missão Veritas (NASA)** – *será enviado um orbitador que mapeará rochas e atividades vulcânicas. Revelará se já houve presença de água.*
- **Missão Envision (ESA)** – *É a mais importante porque estudará a nebulosa atmosfera de Vênus.*

"Vênus é um lugar maluco, mas muito interessante. Realmente queremos entender por qual razão Vênus e Terra são tão diferentes"

Lori Glaze, diretora de Ciência Planetária da Nasa

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

CULTURA

A arte de Banksy em São Paulo

Foi aberta na semana passada, na cidade de São Paulo, a exposição do grafiteiro britânico Banksy, consagrado em todo o mundo como um dos melhores (na técnica e nos temas) artistas de rua. As suas mensagens, transmitidas em desenhos feitos com spray na Europa, Austrália e EUA, são sempre pacifistas. Esse é o seu nome verdadeiro? Na verdade, ninguém sabe. E quem é ele? Qual o seu rosto? Da mesma forma, também isso segue sendo mistério. Na mostra, o público poderá ver, por meio de fotos, litografias e pinturas, parte daquilo que Banksy já registrou originalmente em paredes, muros e pontes. Dois exemplos: na Cisjordânia ele fez um homem jogando um ramalhete como estivesse atirando uma bomba; em Londres, criou uma menina que tenta alcançar o amor. Atualmente há quem sustente a tese de que seu nome abrigue um grupo de artistas, assim como William Shakespeare não teria sido um só homem, mas uma companhia teatral. Em São Paulo a exposição ficará no Shopping Eldorado até o final de abril.

EXPOSIÇÃO Grafites de Banksy expostos em São Paulo: constantes apelos à paz e democracia social

Crônica para Glória

Anielle Franco, ministra da Igualdade Racial, falou definitivamente por todos: "mulheres negras sabem da importância de Glória Maria". Trata-se da primeira jornalista preta da tevê brasileira (foto), tão exageradamente a melhor que abriu portas a outras pretas em todas as profissões. Seguia ela um inteligente e pragmático princípio: tenho de ser a melhor (homens pensem nisso). Morreu na quinta-feira 2, com 63 anos. Ou eram 73? Ou 75? Ela driblava a idade, mas que importância há no tempo para quem nasceu eterna pela força do caráter? ***Parabéns Glória por atuar como voluntária com crianças vulneráveis*** *(adotou duas).* ***Tanto idiota diz-se condoído com os pobres, mas muda de calçada quando vê um andrajoso: tem medo!*** *Glória morreu de metástase de câncer do pulmão.* ***Sonhava em ir a Marte. Eu sabia que, alma tão nobre, não podia mesmo ser terráquea.*** *Requiem aeternam!*

FOTOS: YURI MURAKAMI/FOTOARENA; FABIO CORDEIRO/EDITORA GLOBO

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Ana Viriato (Brasília), Felipe Machado e Thales de Menezes
REPORTAGEM: Ana Mosquera, Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Letícia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Diretora de Marketing e Projetos:** Isabel Povineli **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.
Impressão: D'Arthy Editora e Gráfica – R. Osasco, 1086 – Guaturinho, CEP: 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

Capa/Governo

Vitória esmagadora de **Arthur Lira** e demonstração de força da **oposição no Senado** são **desafios para Lula.** O petista precisará **driblar o maior poder** do presidente da Câmara e **enfrentará um bolsonarismo** que permanece vivo, mesmo depois do **golpe frustrado** de 8 de janeiro

Marcos Strecker e Ana Viriato

Equilíbrio

TRIO
O presidente Lula com Rodrigo Pacheco (esq.) e Arthur Lira na sua cerimônia de diplomação, no TSE, dia 12 de dezembro

delicado

A escolha da cúpula do Congresso a cada início de legislatura tem o poder de determinar o destino do governo e calibrar a relação entre os Três Poderes. É a partir do resultado do confronto de forças no Legislativo que a agenda política do País se encaminha no período seguinte. Neste ano, esse ritual teve um significado simbólico ainda maior. A reeleição de Arhtur Lira e de Rodrigo Pacheco como líderes da Câmara e do Senado, respectivamente, ocorreu sob a comoção dos ataques golpistas do 8 de janeiro e realçou as dificuldades que Lula enfrentará para governar, assim como os desafios que as instituições terão para resguardar a democracia.

Depois de ajudar no triunfo de Arthur Lira na Câmara, o governo distribuiu cargos contra a ameaça bolsonarista no Senado

Segundo na linha de sucessão presidencial, Arthur Lira conseguiu o maior triunfo na eleição de um líder da Câmara na história, e isso apenas dois anos depois de ser alçado ao posto com a ajuda de Jair Bolsonaro. Obteve 464 votos de um total de 509. Com o recorde, pavimentou o caminho para concentrar em suas mãos poder equivalente ao conquistado na gestão anterior. O resultado, sublinham aliados, é uma prova da força do deputado e do grau de influência dele sobre os colegas. "Lira tomou para si o poder de ditar os rumos da base que o governo tenta montar na Câmara. Já havia demonstrado, durante a votação da PEC da Transição, que quem tem votos na Casa é ele, e não Lula. Agora, o painel da eleição entrega uma prova cabal", comenta um aliado do alagoano, sob reserva. O placar serve, ainda, para inibir investidas do PT contra o deputado adiante. É que Lira nutre desconfianças. Recentemente, irritou-se com uma movimentação, atribuída a Gleisi Hoffmann, para construir uma candidatura alternativa ao nome dele. Em um rompante, segundo apurou ISTOÉ, chegou a entrar em contato com José Dirceu,

FOTO: CRISTIANO MARIZ/AGÊNCA O GLOBO

TRIUNFO
Apoiadores comemoram com Arthur Lira sua reeleição para a presidência da Câmara: o líder do Centrão terá um poder maior para negociar com o governo

que tem participado de negociações do PT fora dos holofotes, para reclamar e dar um recado duro. Depois disso, as tratativas cessaram. A ligação não foi desarrazoada. Dirceu ainda detém influência — a designação do filho dele, Zeca Dirceu, para a liderança do PT na Câmara, por exemplo, foi um gesto de Lula nesse sentido.

Daqui para a frente, apesar do apoio do PT a Lira, as votações delicadas serão negociadas uma a uma — seja com cargos, seja com a liberação de emendas. Lira quer um Império. Na gestão Bolsonaro, postos bilionários ficaram, em sua maioria, com pupilos de Ciro Nogueira, que atuava como ministro da Casa Civil. Agora, o manda-chuva da Câmara quer lotear postos com nomes de sua confiança. Estão no radar, por exemplo, o FNDE (R$ 53,1 bilhões), a Codevasf (R$ 874 milhões) e o Banco do Nordeste (R$ 34,6 bilhões). O Dnocs, com um orçamento de R$ 810,8 milhões, já está no papo. Nomeado no governo anterior, o diretor Fernando Marcondes de Araújo Leão havia sido exonerado logo em 1º de janeiro, mas, após Lira intervir, a demissão foi tornada sem efeito e ele voltou à cadeira. A cobrança por postos no primeiro escalão também não deve demorar a chegar — durante a transição, é preciso lembrar, Lula negou ao presidente da Câmara o Ministério da Saúde, hoje chefiado por Nísia Trindade. Lira ainda deve barganhar pelo que sobrou do orçamento secreto. Depois de o Supremo declarar o dispositivo institucional, o montante de R$ 19,4 bilhões reservado ao instrumento acabou dividido ao meio. A fatia que ficou com parlamentares, rateada entre emendas individuais, tornou-se impositiva. Já a outra metade está nas mãos de membros da Esplanada — a dinheirama, contudo, tende a ser usada em negociações.

A previsão de que Lula terá vida dura não é exagero. Com a ampliação da centro-direita no Congresso, a base dele na Câmara mostra-se muito fluida. A contabilidade extra-oficial aponta para um grupo cativo de somente 160 a 180 deputados — cerca, portanto, de somente um terço da Casa. Apesar de desejar focar na agenda econômica, o governo deve penar com o debate ideológico, porque as três maiores bancadas da Câmara — evangélica, da bala e do gado — estão repletas de bolsonaristas, interessados em colocar em pauta propostas sensíveis, como as que tratam do armamentismo e o garimpo. Não bastasse a fragilidade da ala mais próxima a Lula, o chefe do Executivo, sublinham congressistas, perdeu a mão nas negociações da transição. O União Brasil é um exemplo de erro crasso. Segundo apurou ISTOÉ, embora o partido tenha abocanhado três ministérios, ministros como

FOTOS: CRISTIANO MARIZ/AGÊNCIA O GLOBO; SERGIO LIMA/AFP;

DE VOLTA Plenário da Câmara, reaberto depois dos ataques de 8 de janeiro, recebe os deputados eleitos em outubro

Alexandre Padilha aventam entre parlamentares que o governo tem a certeza da fidelidade de, no máximo, 20 deputados de uma bancada de 59.

Por causa disso, emissários de Lula tentam atrair para a base novas siglas. O diálogo com o Republicanos está a todo vapor. O presidente da legenda, Marcos Pereira, já sentou à mesa com Geraldo Alckmin e integrantes do alto escalão. Durante a transição, o partido chegou a receber a oferta do Ministério da Pesca. Considerou pouco para fazer uma mudança tão brusca no próprio posicionamento, uma vez que participou da campanha de Bolsonaro. Passado algum tempo, porém, a perspectiva é de que a agremiação, que tem uma bancada de 41 deputados na Câmara, logo pule no barco de Lula. Em troca, está de olho, por exemplo, no Ministério do Turismo, que tem grande capilaridade e estrutura, na pasta da Indústria e Comércio, cujo assento está sendo apenas esquentado pelo vice-presidente, e no Ministério do Esporte — os dois últimos, aliás, já foram ocupados pelo próprio Marcos Pereira em gestões petistas.

Os 47 votos do PP são inteiramente controlados por Lira. Resta, do tripé bolsonarista, portanto, o PL, com 99 deputados. O governo viu com bons olhos a recondução de Altineu Cortes à liderança da sigla na Câmara — o liberal disputava internamente com nomes estridentes do bolsonarismo raiz, como Carla Zambelli. O PT entendeu ser uma sinalização de que Valdemar Costa Neto não pretende adotar uma linha de antagonismo radical. Altineu é visto, do Centrão à esquerda, como um nome "afável" e "conciliador". "Sou do diálogo. Nos posicionaremos como uma oposição responsável. Liderarei a bancada para votar contra projetos danosos ao País e a favor de propostas que coincidirem, ao menos em partes, como o que planejamos", comenta Altineu. Indagado sobre a pressão da ala extremista do partido, o deputado contemporiza. "Cada um tem seu jeito de fazer política. Alguns fazem de forma mais forte ou contundente. Outros, como eu, de forma mais branda. Há respeito".

Enquanto a votação na Câmara transcorreu de forma previsível, a escolha no Senado tornou claras as dificuldades que Lula terá para aprovar projetos espinhosos. Considerado franco favorito, Rodrigo Pacheco (PSD) foi reeleito com 49 votos, enquanto seu adversário, Rogério Marinho (PL), obteve 32. O resultado mais apertado do que o previsto deu um susto no governo. Uma eventual vitória de Marinho significaria uma trincheira valiosa para o bolsonarismo atacar a estabilidade das instituições. Além disso, sua candidatura acabou encarnando as expectativas dos aliados radicais do ex-presidente. Que os apoiadores das teses golpistas tenham reunido essa votação expressiva 24 dias depois do próprio Congresso ter sido vandalizado é um sinal no mínimo preocupante.

Na véspera da eleição, congressistas lembravam entre os corredores da zebra no pleito pelo comando da Câmara em 2005 — naquele ano, Severino Cavalcanti, antigo "rei do baixo clero", triunfou sobre o candidato de Lula, Luiz Eduardo Greenhalgh. Temia-se um repeteco. É que, na véspera da disputa entre Pacheco e Marinho, mesmo aliados do pessedista admitiam a possibilidade de vitória do bolsonarista, a qual carimbaria o primeiro revés de Lula no Salão Azul. A previsão de retumbantes 55 votos de Pacheco caiu para suados 49 e, diante de uma maré favorável a Marinho, que atraiu até mesmo senadores do PSD, soou o alarme para traições que poderiam resultar no naufrágio do projeto de reeleição.

Contra essa ameaça, o governo mergulhou nas negociações, algo, aliás, que o presidente prome-

PROTESTO Eduardo Bolsonaro e seus aliados criticam o presidente Lula na Câmara

teu que não faria durante a campanha. Lula mandou ministros-senadores se licenciarem da Esplanada e retomarem os mandatos para votar no pessedista. O gabinete de Alexandre Padilha nunca foi tão movimentado. A Secretaria de Relações Institucionais assegurou a nomeação de apadrinhados políticos de senadores, por exemplo, em superintendências de estatais, como a Codevasf e os Correios, e em diretorias de autarquias, a exemplo do DNIT. Além disso, os próprios congressistas da base do governo comandaram uma intensa movimentação. Em um almoço na casa de Weverton Rocha, desenhou-se o mapa das possíveis dissidências na base aliada para cobrar fidelidade. No calor das articulações entre os governistas, aventou-se que três senadores da bancada de 10 do MDB, partido que comanda os ministérios do Planejamento, das Cidades e dos Transportes, se uniriam a Marinho. Líder da bancada no Senado, Eduardo Braga recebeu cobranças. "Se vira", dispararam petistas para assegurar a integralidade do apoio da legenda a Pacheco.

A preocupação era justificável por uma série de razões. O Senado é capaz de impor derrotas consistentes ao Planalto. Em uma relação conflituosa com a Casa, o antecessor do petista penou — a título de exemplo, Bolsonaro teve de esperar cinco meses pela aprovação da indicação de André Mendonça ao Supremo. Lula, que já enfrentará dificuldades na Câmara, teria a agenda governista

PERDEU Rogério Marinho era a esperança do bolsonarismo para controlar o Senado. Mas os 32 votos que conquistou bastam para abrir CPIs

completamente comprometida se, no Senado, visse a pauta ser determinada por bolsonaristas. A estabilidade institucional era outro fator de inquietação. Marinho sempre foi visto como um nome ponderado e de bom trânsito político —já cuidou da aprovação de temas espinhosos, como a Reforma da Previdência, por exemplo. Mas havia o receio de que ele sucumbisse à cobrança dos seus aliados, colocando em tramitação temas espinhosos, começando pelo impeachment de ministros do STF. Com Pacheco à frente do Senado, ao contrário, há um indicativo de maior harmonia entre o Parlamento e o Supremo, posto que o pessedista atuou como fiador da democracia durante a tumultuada era bolsonarista. Aliados ponderam que, embora ele tenha proposto publicamente a discussão de matérias de interesse de congressistas críticos à Corte, como a fixação de mandato para ministros e regras para decisões monocráticas, não apoia as medidas e crê que as propostas não prosperarão.

Os governistas consideram que a eleição de Pacheco demonstra o nível de dificuldade que o Planalto encontrará adiante. É que, mesmo com a oferta de cargos e o sentimento antibolsonarista reforçado pelo atentado de 8 de janeiro, o presidente teve dificuldades em assegurar os votos necessários ao seu candidato. Os 32 votos conquistados por Marinho são suficientes para abrir uma CPI visando fustigar o governo, por exemplo. Contra essa ameaça, uma das principais

ALÍVIO Rodrigo Pacheco é parabenizado após ganhar no Senado: susto na reta final e discurso contra o golpismo

missões do momento é a contenção do apetite de Alcolumbre. O parlamentar do Amapá atuou na linha de frente das negociações pela reeleição do colega à presidência do Senado. Tudo, claro, de olho no futuro. Nos bastidores, frisava o interesse em ser reconduzido à chefia da CCJ e em disputar o comando do Salão Azul em 2025. Mas a sanha do ex-presidente do Senado prejudicou a candidatura de Pacheco, segundo aliados. "Alcolumbre quer tudo para si e isso incomoda muitos. Demonstra é que, na cúpula, sempre haverá espaço somente para ele e os seus", critica um tucano, que pede anonimato.

Petistas buscam minimizar as dificuldades. Apostam que, na leva de votos da oposição, somente 16 representam de fato uma "resistência estridente" — é o número de bolsonaristas que as lideranças veem no Senado. "Mesmo no PL, estimamos ter conseguido três votos. É a sinalização de que, apesar de estar no partido de Bolsonaro, alguns senadores estão dispostos a dialogar quando necessário", diz um congressista do PT, sob reserva. De tanto otimismo, os parlamentares frisam que os 49 votos depositados em Pacheco apontam que a gestão Lula consolidou maioria para aprovar PECs — algo ainda não atingido na Câmara. Eles mencionam como prioridade a Reforma Tributária na Casa, uma das prioridades para o governo criar uma agenda positiva.

Pouco antes da definição do Legislativo, do outro lado da praça dos Três Poderes, a abertura do ano Judiciário deu o tom emocional do momento. A presidente do STF, Rosa Weber, fez um discurso incisivo no plenário da Corte, que precisou ser inteiramente restaurado após ser transformado em escombros pelos bolsonaristas. Na cerimônia, a ministra deu recados importantes. No mais duro, enfatizou que a Justiça punirá os autores da tentativa de golpe, inclusive dos seus incentivadores - não mencionou Bolsonaro, mas o ex-presidente era o objeto óbvio do comentário. Como a lembrar o desafio que será restabelecer o tecido institucional, Augusto Aras fez um pronunciamento tíbio, defendendo a duvidosa atuação recente da Procuradoria-Geral da República, órgão que comanda. A PGR, segundo ele, teve uma atuação "estrategicamente discreta, evitando que extremistas se manifestassem contra o regime democrático". Ou seja, tentou reescrever a história isentando sua gestão da blindagem que permitiu a Bolsonaro e seus asseclas tentarem o golpe. Sem constrangimento, mas provocando vergonha alheia, chegou a declarar: "Democracia, eu te amo". Já Lula, também presente no STF, defendeu uma relação harmoniosa entre os Três Poderes, enalteceu a "coragem do STF" e disse que o golpismo vem "da descrença na política". O jogo pesado que se anuncia no Congresso mostra que há muito chão a percorrer para resgatar essa credibilidade. ■

MAIS FORTE STF reabre no plenário recuperado após os atentados: Rosa Weber disse que os golpistas serão punidos, e Lula enalteceu a "coragem do Supremo"

FOTOS: WILTON JUNIOR/ESTADÃO; GABRIEL RODRIGUES/FATOPRESS/FOLHAPRESS; RICARDO STUCKERT/PR;

CONSPIRAÇÃO GOLPISTA

Senador aliado de Bolsonaro complica ex-presidente ao contar ter sido convidado a participar de um plano de golpe de Estado para impedir a posse de Lula. Processo contra capitão se robustece e risco de prisão aumenta

Ana Viriato

PLANO O senador Marcos Do Val esclarece no seu gabinete do Congresso, dia 2, os detalhes da articulação para impedir a posse de Lula

Jair Bolsonaro demorou a falar pela primeira vez à sua horda de extrema direita, no cercadinho do Palácio da Alvorada, após a derrota para Lula nas urnas. O ex-presidente o fez apenas em 9 de dezembro, quando, diante de dezenas de apoiadores que pregavam uma intervenção militar, declarou que as decisões que cabem a um grupo de pessoas e, não somente a ele, "devem ser trabalhadas" e frisou que seu futuro político seria decidido pelos radicais. "Se algo der errado, é porque eu perdi a minha liderança", completou. O discurso, naquele momento, soou dúbio e enigmático. O pano de fundo, contudo, esclarece que tudo fazia parte do enredo de uma trama golpista. Naquele dia, Bolsonaro e o ex-deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) receberam no Palácio da Alvorada o senador Marcos Do Val (Podemos-ES) para tentar convencê-lo a embarcar em um projeto de golpe de Estado para impedir a posse de Lula, que, naquela altura, ainda nem havia sido diplomado.

O encontro aconteceu a portas fechadas com a presença apenas dos três. Na conversa, segundo relata o senador, Daniel Silveira deu detalhes "de um plano esdrúxulo e criminoso". Propôs que Do Val pedisse um encontro de agenda fechada com o ministro Alexandre de Moraes, membro do Supremo Tribunal Federal e presidente do Tribunal Superior Eleitoral, e o instigasse a dizer algo comprometedor, que pudesse servir de munição para embasar a prisão do próprio magistrado. "Eles colocariam um equipamento de gravação em mim e teria um veículo próximo ao STF captando o áudio. Eu, nessa reunião com Alexandre, precisaria conduzir o rumo do diálogo, para ele falar que, em algum dos processos que relata, havia ultrapassado a linha da Constituição", narra Do Val.

PRESO Pivô da trama golpista revelada por Do Val, o ex-deputado Daniel Silveira foi preso no dia 2 por descumprir medidas cautelares. Na detenção, R$ 270 mil foram apreendidos

Com a exposição do ministro, conforme a trama conspiratória, seria armada a tempestade perfeita para Bolsonaro apontar uma suposta interferência de Moraes na corrida presidencial e tentar anular o resultado das eleições, perpetuando-se no poder. O senador não foi escolhido para a missão ao acaso – ele e o ministro se conhecem há anos, desde a época em que Moraes atuava como secretário de Segurança de São Paulo, na gestão Geraldo Alckmin, e Do Val prestou serviços de treinamento policial para agentes da Polícia Militar paulista. Seria, portanto, um nome bolsonarista ideal para se aproximar do presidente do TSE sem levantar suspeitas.

Do Val alega que, durante a conversa, chegou a ponderar que a gravação clandestina de um ministro seria ilegal. Ouviu de Silveira, então, que já havia uma "equipe preparada" para "legalizar" a escuta

FOTOS: TOM MOLINA/ REUTERS/FOLHAPRESS; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO PF; CHANDAN KHANNA/AFP; EVARISTO SÁ /AFP

ARTICULAÇÃO Bolsonaro convidou o senador Do Val no dia 7 dezembro para discutirem a trama contra Moraes

– o senador assegura que não houve menção ao nome de quem poderia tornar a armadilha válida. O congressista acrescenta que, para não ser pressionado, disse que pensaria no assunto e deixou a residência. Pouco depois, recebeu uma mensagem do deputado, reiterando o plano. "Essa operação precisa ficar restrita a um círculo de cinco pessoas. Três estavam sentados hoje conversando juntos. Se aceitar a missão, parafraseando o 01, salvamos o Brasil", dizia o texto. Os outros dois, segundo Silveira, seriam "cinco estrelas", dando a entender que dois generais estariam a par do golpe.

Do Val não fala abertamente, mas a armação contra Moraes soa como o primeiro passo para uma investida ainda mais grave de Bolsonaro, como a assinatura, por exemplo, de um decreto que implementaria o Estado de Defesa no TSE. Uma minuta da norma foi encontrada pela PF na casa do ex-ministro da Justiça Anderson Torres, preso após o atentado de 8 de janeiro. Além disso, segundo admitiu publicamente Valdemar Costa Neto, documentos similares circulavam pelas mãos de diversas pessoas do círculo íntimo de Bolsonaro.

REVELAÇÃO E RECUO

Do Val titubeou ao falar de Bolsonaro. Na madrugada da quinta-feira, 2, o senador havia feito uma live afirmando, com todas as letras, ter sido "coagido" pelo presidente a aderir à tentativa de golpe. "Eu ficava p*** quando me chamavam de bolsonarista. Vocês me esperem que vou soltar uma bomba. Sexta-feira vai sair na Veja a tentativa de Bolsonaro de me coagir para que eu pudesse dar um golpe de Estado junto com ele, só para vocês terem ideia. E é lógico que eu denunciei o plano", disse Do Val. No início da tarde, no entanto, em entrevista coletiva, criticou a imprensa pelo uso do termo e mudou a versão, apontando que o capitão permaneceu calado durante o encontro, limitando-se a ouvir os detalhes vocalizados por Silveira. Indagado se em algum momento Bolsonaro interrompeu a fala do ex-deputado, o senador diz que não: "Não, Bolsonaro não impediu o Daniel". Do Val ainda evitou avaliar se o capitão cometeu crime. "Fiz meu papel de não prevaricar", comentou, sublinhando ter contado toda a trama a Moraes, enquanto a movimentação golpista corria. O senador arrefeceu o tom contra o capitão após receber ligações de Flávio Bolsonaro e de aliados do ex-presidente, como Rogério Marinho.

Segundo Do Val, a reunião golpista havia sido articulada por Bolsonaro. O senador diz que, no dia 7 de dezembro, uma quarta-feira, Silveira o procurou no Senado para, do lado de fora do plenário, colocá-lo na linha com o capitão. "Bolsonaro pediu que eu fosse encontrá-lo", conta. "Nunca tinha tido uma agenda com ele. Por isso, achei estranho." O senador acrescenta que, no dia, participava de uma votação nominal e, por isso, a conversa ficou para sexta-feira, 9. Não bastasse o gesto inicial de Bolsonaro, Do Val conta que não pôde ir até a residência oficial no Palácio da Alvorada em seu próprio carro. Conforme decidiu Silveira, os dois chegaram ao local em um automóvel da Segurança da Presidência da República.

Os meandros da articulação terão de ser esclarecidos por Do Val à PF, conforme ordem de Alexandre de Moraes. O senador diz que entregará aos delegados os registros das conversas por WhatsApp com Silveira, nas quais o deputado fez uma série de cobranças sobre a decisão dele a respeito da trama, que não foram findadas nem depois de Do Val responder que não aceitaria a missão. O áudio do diálogo com Silveira e Bolsonaro, pontua o senador, não foi gravado. Na última quinta-feira, 2, o ministro Alexandre mandou prender o deputado Silveira por ele tentar arrancar a tornozeleira que o mantinha em prisão domiciliar. Em sua casa, a PF apreendeu também R$ 270 mil em dinheiro vivo. No Supremo, crê-se que a revelação de mais um movimento golpista robustece o processo contra Bolsonaro e amplia o risco de prisão. Interlocutores de Moraes afirmam que o ministro não se posicionará publicamente sobre o assunto. "Está judicializado. Ele deve se manifestar somente no processo." O cerco em torno de Bolsonaro se fechou ainda mais. É compreensível a resistência do ex-presidente em voltar para o Brasil. ■

REAÇÃO Alexandre de Moraes mandou a PF ouvir Marcos Do Val no prazo de cinco dias

A CONTA BANCÁRIA AMBIENTAL

O compromisso com a redução do desmatamento devolve ao Brasil o protagonismo perdido com Bolsonaro e enche o caixa do governo com recursos externos: o Fundo Amazônia já foi reativado e a Alemanha anunciou um repasse de R$ 1,1 bilhão para o País

Gabriela Rölke

R$ 1,1 BILHÃO

Valor do pacote que o governo alemão pretende repassar ao Brasil

Se o descaso com a Amazônia durante o governo passado relegou o Brasil à posição de pária internacional na questão ambiental, o País agora está de volta como liderança global nas discussões sobre mudanças climáticas. O compromisso da gestão de Lula com a redução do desmatamento, avalizado pela presença de Marina Silva no Ministério do Meio Ambiente, não só recoloca o País no papel de protagonista, mas tem funcionado também como um excelente cartão de visitas para a atração de recursos financeiros dos países ricos e já começa a abrir caminho para importantes parcerias. Os resultados práticos não tardaram a aparecer: o governo da Alemanha anunciou a doação de um pacote de R$ 1,1 bilhão ao governo brasileiro, além de outros R$ 192 milhões para o Fundo Amazônia, que estava paralisado desde 2019.

O anúncio do repasse foi feito por Svenja Schulze, ministra alemã da Cooperação Econômica e do Desenvolvimento, com a anuência do chanceler Olaf Scholz, que esteve no Brasil na segunda-feira, 30, para um encontro com o presidente Lula. Na pauta da reunião do premier alemão o tema principal foi a proteção da Amazônia e a autorização para que parte dos recursos liberados seja usada no socorro aos yanomamis. Lula e Scholz discutiram também a conclusão do acordo comercial entre União Europeia (UE) e Mercosul. A visita confirma que o País voltou a ter relevância no cenário internacional: a última viagem de um chanceler alemão ao País havia ocorrido em 2015, quando Angela Merkel se reuniu com a então presidente Dilma Rousseff. Depois de Scholz, deve vir ao Brasil também o presidente da França, Emannuel Macron e, na próxima semana, Lula será recebido na Casa Branca, em Washington, pelo presidente americano Joe Biden. O combate às mudanças climáticas é o primeiro ponto da pauta dos

FOTOS: NIETFELD/DPA/AFP; GABRIEL REIS

COMPROMISSO Marina Silva: personificação da preocupação do governo brasileiro com a questão climática

Valor do repasse dos alemães para o Fundo Amazônia

ALIANÇA O chanceler alemão Olaf Scholz: última visita de um chanceler do país europeu ao Brasil havia ocorrido em 2015

encontros. Quando esteve em Davos, no Fórum Econômico Mundial, Marina lembrou que o Acordo de Paris estabelece que os países desenvolvidos devem investir até US$ 100 bilhões anuais nos países mais pobres e que o Brasil pode captar boa parte desse dinheiro.

"Tenho certeza de que essa decisão do governo alemão de direcionar recursos para projetos relacionados ao clima e ao meio ambiente no Brasil será seguida pelos demais países desenvolvidos", diz Suely Araújo, especialista sênior em políticas públicas do Observatório do Clima. "Os problemas ambientais não respeitam fronteiras entre países, e o mundo inteiro ganha com a cooperação internacional nesse tema", explica. "O Brasil tem de aproveitar suas vantagens comparativas e pode se tornar a primeira grande economia do mundo a capturar mais gases de efeito estufa do que emite, tornando-se um país negativo em carbono". Sócio-fundador do Instituto Socioambiental, Márcio Santilli diz que a retomada das políticas socioambientais pelo governo Lula "renova a esperança" de que é possível evitar a devastação na Amazônia - e que isso contribui para destravar as negociações do Acordo entre a UE e o Mercosul, facilitando a adesão do Brasil à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

CARTÃO DE VISITAS

"Sem dúvida, a credibilidade do atual governo na pauta ambiental, na pessoa da Marina Silva, é importante para atrair compromissos de investimentos", diz Mario Monzoni, coordenador geral do Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV. "Saímos da narrativa dos últimos quatro anos de que o meio ambiente é obstáculo para o desenvolvimento. O Brasil agora passa ao mundo a mensagem de que é possível conciliar preservação ambiental com prosperidade econômica", explica. "Tem só um mês de governo, a ver quanto esse cartão de visitas vai entregar. Mas o que se apresenta é uma política ambiental que já deu certo no passado, quando Marina esteve à frente da pasta do Meio Ambiente nos dois primeiros governos do presidente Lula", completa Monzoni. O pesquisador lembra que, num cenário internacional em que a questão climática está no centro do debate, o Brasil tem compromissos internacionais com a redução da emissão de carbono. "A nossa maior emissão é do desmatamento", diz. "A nossa grande contribuição, portanto, é a reduzir a derrubada das florestas".

O líder indígena Beto Marubo também vê com naturalidade as contribuições de outros países para o combate ao desmatamento. "As questões ambientais e as mudanças climáticas afetam o mundo inteiro", avalia. "Havendo um esforço internacional, isso beneficia não só o meio ambiente, mas também impacta em ações sociais correlatas, que envolvem indígenas, ribeirinhos e pequenos agricultores". Marubo é líder na região do Vale do Javari, no Amazonas - região invadida por garimpeiros e madeireiros ilegais onde foram assassinados o indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips. Sobre a crise humanitária dos yanomamis, ele destaca a importância das medidas emergenciais para mitigar o sofrimento dos indígenas - parte dos recursos do Fundo Amazônia será destinada para ações na região afetada. Mas ele lembra que é fundamental garantir a presença do estado nos territórios indígenas, por meio do fortalecimento da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). "No final disso tudo, quem vai ficar no território é a Funai, não só para a assistência aos povos indígenas mas também para a proteção ao meio ambiente", ressalta. ■

O FRACASSO DO CENSO

Orçamento apertado atrasa coleta de dados e põe em risco confiabilidade do levantamento. País vive "apagão estatístico", o que prejudica distribuição de recursos e formulação de políticas públicas

Gabriela Rölke

Sobram evidências do quão conturbado vem sendo o processo de recenseamento da população brasileira, que deveria ter sido realizado em 2020. Adiado primeiramente por causa da pandemia de Covid 19, o Censo Demográfico era para ser retomado quando a coleta de dados em campo voltou a ser viável, o que ocorreu em 2021. Mas não foi isso que aconteceu: no meio do caminho havia o governo Bolsonaro com sua inépcia. O trabalho de campo dos recenseadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), previsto para acabar em outubro do ano passado, ainda não foi concluído — o que põe em risco a qualidade dos dados e a confiabilidade do levantamento. O País segue num "apagão estatístico", já que o censo é uma importante ferramenta para planejamento de políticas públicas e distribuição de recursos.

Na quarta-feira 1, o ministro Ricardo Lewandovski, do Supremo Tribunal Federal (STF), mandou desconsiderar, para a distribuição do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), os dados já disponíveis do censo de 2022. Como o levantamento ainda não foi concluído e as informações ainda estão incompletas, poderia haver prejuízo para boa parte dos municípios brasileiros.

A realização do levantamento a cada dez anos está prevista em lei, e como o último censo havia sido realizado em 2010, já era sabido que em 2020 deveria haver uma nova contagem da população. Mas, passada a pandemia, em 2021 o governo Bolsonaro decidiu por um novo adiamento, alegando falta de dinheiro. Ficaria por isso mesmo não fosse o STF: o então ministro Marco Aurélio Mello determinou a realização do censo, o que resultou na destinação de R$ 2,3 bilhões para o projeto em 2022 – quantia insuficiente para a tarefa, de acordo com o corpo técnico do instituto, que estimou um orçamento de R$ 3,1 bilhões. Ex-presidente do IBGE

FOTOS: ISTOCK PHOTO; PEU RICARDO/ESTADÃO CONTEÚDO/AE; RICARDO BENICHIO/FOLHAPRESS

BASE Os dados do IBGE são fundamentais para que o governo possa definir políticas públicas

"Foi um erro não alocar recursos suficientes para o trabalho de campo. O IBGE esteve submetido a uma tragédia anunciada"

Pedro Luis do Nascimento Silva, estatístico

em 2021 e 2022, Eduardo Rios Neto nega falta de dinheiro, mas diz que, em meio a um mercado de trabalho "aquecido", são escassos os trabalhadores dispostos a assumir as vagas temporárias abertas exclusivamente para o levantamento, cujos salários estão "aquém" do adequado.

DEMORA

"Se há menos pessoas em campo, o censo leva mais tempo para ser feito", resume Pedro Luis do Nascimento Silva, que atuou como pesquisador da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE. Para ele, o atraso na obtenção das informações é ruim — mas seria ainda pior interromper a coleta de dados. "Acredito que o IBGE está envidando todos os esforços para completar o censo com qualidade".

Sobre a importância de dados estatísticos atualizados, ele lembra que o poder público e a iniciativa privada dependem do censo "para se informar sobre como vai o País". "O censo, como produto de informação, alimenta uma quantidade imensa de serviços de distribuição de recursos públicos e também é central para a elaboração de políticas públicas, já que mapeia onde está a população que precisa ser atendida". "Também é a partir desses dados que o mercado define, por exemplo, onde alocar novas lojas e como lidar com o fenômeno da dispersão do consumo". As informações também são utilizadas para ajustes do sistema eleitoral.

Para o pesquisador, primeiro brasileiro a presidir o Instituto Internacional de Estatística, foi um erro não alocar recursos suficientes para o trabalho. "O IBGE esteve submetido a uma tragédia anunciada". Ele destaca, entretanto, que o descaso do governo Bolsonaro com dados estatísticos se deu ainda em outras áreas. "Isso se manifestou na demissão do então diretor do Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), quando foram divulgados os dados sobre o aumento do desmatamento, ou quando foram suprimidas as informações sobre o avanço da pandemia de Covid", diz ele. "A agenda daqueles atores políticos era diferente; não era a agenda da promoção do estado de bem-estar da população". ■

HÁ VAGAS Salário pouco atrativo foi decisivo na baixa procura por vagas provisórias no recenseamento

ENTREVISTA
Vitoria Saddi, sócia da SM Futures: "A China voltará a crescer a taxas elevadas e beneficiará emergentes"
ROMBO FEDERAL
Governo precisará encontrar R$ 300 bilhões ainda este ano para reverter a trajetória de alta da dívida pública
EFEITO AMERICANAS
Escândalo cria conflito inédito entre bancos e setor varejista, agora visto com maior cautela
ISTOÉ
Dinheiro
ONDE INVESTIR EM 2023
Um guia com as vantagens e os riscos de cada classe de ativos: renda fixa, ações, previdência, criptomoedas, fundos imobiliários e do agronegócio, BDRs e dividendos. Teste seu perfil e conheça suas chances de ganhar ainda mais no jogo do mercado

Comportamento/**Festa popular**

MAIOR CARNAVAL DA HISTÓRIA

A folia represada por dois anos pela Covid-19 eleva as expectativas deste ano para uma imensa quebra de recordes de participação do público. Será uma grande retomada das ruas, com uma euforia só comparável a 1919, na primeira festa depois da Gripe Espanhola

Thales de Menezes, Ana Mosquera e Duda Ventura*

Para a maioria da comunidade carnavalesca, o que dá a real temperatura da festa a cada ano não é grandiosidade das escolas de samba ou o sucesso financeiro de comércio e serviços nas grandes cidades durante os dias de folia. Um bom Carnaval é aquele que consegue levar muita gente para a rua. Se depender disso, a edição 2023 já é o maior Carnaval da história. Depois da ausência da comemoração em 2021 e de festas de Carnaval em datas alternativas (e por isso menores) em 2022, a programação para este ano nas principais capitais do País chegam a superar os já muito bons números de 2020. Com a pandemia ainda começando a dar as caras no País em fevereiro daquele ano, os blocos de rua pulverizaram recordes. E estes agora caem diante do entusiasmo sem precedentes do Carnaval 2023.

São Paulo recebeu agora 663 inscrições de blocos. No ano passado, num mini-Carnaval fora de hora, em julho, apenas 216 blocos foram às ruas. Os números desta temporada superam os registrados em 2020, quando 644 blocos foram inscritos. Pode parecer um aumento pequeno, mas foi diante de um ano até então recorde na diversão das ruas paulistanas. No Rio de Janeiro, a mesma situação: 613 blocos inscritos, contra 543 em 2020.

O crescimento dos blocos no Rio e no São Paulo há três anos chegou a afetar o fluxo de turistas para as festas em Salvador e Recife, dois endereços consagrados do Carnaval brasileiro. Com uma atividade tão intensa em suas próprias cidades, parte dos paulistas e cariocas optaram por não gastar em avião e hotel em outros estados. Mas isso não parece frear

FOTOS: RICARDO BORGES/FOLHAPRESS

DADA A LARGADA
Blocos no Rio: a temporada deste ano começou em 28 de janeiro e vai até 26 de fevereiro

a ferveção nas folias baiana e pernambucana, que projetam números avassaladores. O Galo da Madrugada, autodenominado o maior bloco de Carnaval do mundo, estima quebrar a barreira dos 4 milhões de foliões. Em 2020, a estimativa foi de cerca de 3,4 milhões pulando atrás do galo gigante que conduz o desfile por Recife. Em Salvador, a ocupação de 100% das vagas de hospedagem está bem próxima, incentivada pela expectativa de blocos e trios elétricos se apresentando a qualquer hora do dia ou da noite.

É a festa da retomada. Os quase três anos angustiantes de convívio com a pandemia de Covid-19, alternando momentos de pico preocupantes e alguns períodos um pouco mais tranquilos, só agigantou a expectativa dos foliões. A ordem parece ser enfiar o pé na jaca, para descontar os meses de reclusão forçada. A percepção dessa ansiedade foi tão forte que o Rio montou para este Carnaval o maior esquema operacional de sua história. Haverá a inovação dos desfiles de megablocos, concentrações dos grupos conduzidas para ruas escolhidas para minimizar o impacto no trânsito. Isso parece fundamental no ano em que a previsão é de bater os 5 milhões de pessoas no asfalto.

O Carnaval 2023 será extenso. A programação de blocos no Rio e em São Paulo começou no dia 21 de janeiro e vai durar até o dia 26 de fevereiro. A largada foi dada com grupos bem numerosos, e outro indicador de grandeza está na lotação constante dos ensaios nas quadras das escolas de samba. A Gaviões da Fiel, agremiação com mais seguidores em São Paulo, fez o ensaio técnico mais concorrido no

PRÉ-ESTREIA Bloco Charanga do França: no feriado de aniversário de São Paulo, 25 de janeiro

Sambódromo, com cerca de 5 mil pessoas assistindo. E a divulgação da mídia foi enorme, destacando a madrinha da bateria Sabrina Sato, com a roupa que foi definida como "look Pantera Cor-de-Rosa".

O Carnaval deste ano é como uma cruzada de revanche contra o coronavírus. Tamanho desejo de diversão só encontra comparação com o Carnaval de 1919, que injetou uma dose extra de felicidade nos foliões pelo fim de duas mazelas mundiais: a Primeira Guerra Mundial, encerrada em novembro de 1918, e a Gripe Espanhola, causada por uma variação do vírus influenza, que se configurou como a maior pandemia global até a Covid-19. A doença matou 50 milhões de pessoas no planeta, muito mais que as baixas totais da Primeira Guerra, com 8 milhões de mortos. Cerca de 35 mil brasileiros morreram na pandemia, sendo 15 mil deles apenas no na cidade do Rio de Janeiro.

Quando entrou o ano de 1919, a imunidade de rebanho tinha proporcionado níveis de contaminação muito baixos, trazendo a sensação do fim da Gripe Espanhola. No primeiro dia de março começou o Carnaval, que levou aproximadamente 400 mil pessoas ao Centro do Rio de Janeiro. O receio de uma nova onda da doença impunha a sensação aquele Carnaval poderia ser o último para muita gente. Então a ordem era se divertir como se não houvesse amanhã.

MADRINHA Sabrina Sato à frente da bateria no ensaio da Gaviões da Fiel no Sambódromo (SP), em 28 de janeiro

VOLTAR ÀS RUAS

Para Luiz Antonio Simas, historiador, professor e escritor, esta temporada guarda algumas semelhanças com o que aconteceu em 1919. "Eu acho que a gente vai ter uma pulsão pela ocupação da rua que é muito forte, até porque as ruas nos grandes centros estão sendo cada vez mais desencantadas. A gente vive um processo urbano muito marcado pela morte da sociabilidade das ruas", diz o historiador, que não credita isso apenas à pandemia. "Você vai pegar grandes cidades, como as capitais, e a rua como um espaço do convívio está morrendo, agonizando. A gente está vivendo cada vez mais em casulo. É a quitanda de rua que vira hortomercado, é a barbearia que vai para dentro do shopping, é o cinema de rua que morre."

Para Simas, "teremos uma pulsão sujeita a tudo, que tanto pode ter celebração, quanto uma série de tensões." Ele relativiza a discussão sobre os riscos de aumento de contágio da Covid-19 no período.

FOTOS: ISABELLA FINHOLDT/FOTOARENA/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO INSTAGRAM; LEANDRO CHEMALLE/THENEWS2/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

"Acho que a gente tem uma tendência de demonizar o Carnaval. Eu fui um sujeito contrário ao Carnaval de rua durante o auge da pandemia, mas você está tendo grandes aglomerações, em rodeios, shows de artistas e influencers, festival de música. Então, a rigor, não é o Carnaval que vai causar aglomeração nenhuma, ela está acontecendo."

A médica infectologista Sylvia Lemos Hinrichsen, professora do Departamento de Medicina Tropical e Doenças Infecciosas na Universidade Federal de Pernambuco, diz que ninguém sabe ainda como o país vai ficar após esse período de aglomerações. "Principalmente em cidades do Nordeste, no Rio de Janeiro e em São Paulo, que têm festas com maior número de pessoas, temos que observar e ficar atentos não só para Covid, mas principalmente para as doenças que estão ligadas a relações sexuais desprotegidas e aquelas causadas por contato." Mas a infectologista destaca que a pandemia ainda não terminou. "A Covid só tem três anos e o tempo da ciência muitas vezes é longo. Nós estamos ainda aprendendo a conviver com a doença. É importante lembrar que o vírus ainda circula e, por isso, a higienização das mãos é fundamental."

A preocupação da médica também exibe ecos de 1919. Depois de números baixos de contágio no início do ano, o Carnaval fez a quantidade de infectados aumentar bastante, quase provocando uma nova onda na cidade. Na época, foi criado até o verbo "espanholou". As pessoas diziam que fulano foi brincar o Carnaval e aí "espanholou". Outra expressão ficou popular por algum temo, que era chamar os festejos de 1919 de "o Carnaval das perucas". Muitos que sobreviveram à Gripe Espanhola perderam os cabelos na convalescência, o que levou o comércio a recordes na venda de perucas.

Não foi apenas o entusiasmo exagerado que marcou o ano. Os blocos carnavalescos de rua da maneira como são vistos hoje surgiram ali. Antes, desfilavam grandes grupos chamados de sociedades, criados pela elite carioca endinheirada. Havia também os corsos, desfiles de carros alegóricos que despejavam confete e serpentina sobre seus seguidores, em mais uma iniciativa da classe alta carioca. A festa de 1919 marcou o surgimentos de organizações muito semelhantes aos blocos atuais, como o Cordão do Bola Preta, que começou naquele ano e segue em atividade até hoje. ■

** Estagiária sob supervisão de Thales de Menezes*

ENSAIO Acadêmicos do Baixo Augusta: primeiro ensaio do bloco em janeiro, no galpão do MST, em São Paulo

GAZETA DE NOTICIAS

O Carnaval triumphante !

Mais premios carnavalescos!

1919 Novidade: o Cordão do Bola Preta surgiu no primeiro Carnaval depois da Gripe Espanhola

LOJAS EM CONTÊINERES

Usadas no passado exclusivamente para armazenamento de grãos em portos brasileiros, as unidades modulares viraram uma opção popular entre as operações de expansão no segmento varejista e se espalharam por todo o País

Mirela Luiz

A crise enfrentada pelo comércio durante a pandemia não apenas acelerou a digitalização do varejo, como também levou um grande número de empresários a apostar em um novo modelo de negócios: as lojas em contêineres.

Depois do turbilhão provocado pela Covid-19, muitas empresas passaram a criar outros canais de venda, além das já estabelecidas operações online. A varejista de chocolate Cacau Show foi uma delas. Durante a pandemia desenvolveu o seu modelo de loja no estilo contêiner e o colocou em teste. Logo percebeu que o projeto não poderia ficar funcionando de forma provisória: "Inicialmente a ideia era fazer uma loja temporária, mas tivemos uma enorme receptividade. Só em 2022 chegamos a abrir 450 unidades nesse modelo", diz o gerente de expansão Arlan Roque.

Os contêineres são feitos de aço e pesam mais de duas toneladas. Costumam medir até seis metros de comprimento e são altamente resistentes à oxidação, além de terem uma capacidade de carga que suporta mais de vinte toneladas. Há quem opte por modelos feitos de material reciclável, com uma pegada mais sustentável.

Independentemente do formato, o fato é que as lojas contêineres ganharam espaço rapidamente. Uma das razões é a economia. Sem gastos com diárias de mestres de obras, serventes e desperdício de material de construção, ainda escapam do aluguel pesado das lojas de rua e de shoppings, além das taxas de condomínio. "A ideia é que os empresários possam experimentar esses pontos comerciais em áreas de muita demanda e a preços competitivos", explica Nickson Vilas Boas, sócio-diretor da marca Petland&CO, rede de pet shops. "Uma das principais vantagens da unidade modular é seu custo fixo baixo e a rapidez com a qual é possível abrir uma loja", completa.

"Uma das vantagens da unidade móvel é o custo fixo baixo e a rapidez com a qual é possível abrir uma loja"
Nickson Vilas Boas,
Sócio-diretor da Petland&Co

Se o ponto escolhido não dá certo, o formato de loja em contêiner permite uma fácil mudança. Ou seja: é possível experimentar locais variados de uma mesma cidade antes de optar por um lugar fixo, após analisar o fluxo de clientes potenciais e a demanda. Ao fim de uma temporada, o responsável pela unidade pode ainda mudar a loja de endereço para atender uma nova clientela. "O nosso contêiner pode acompa-

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; ISTOCKPHOTOS

nhar o fluxo sazonal dos consumidores, ao longo de temporadas de verão, grandes eventos e festivais", explica Caito Maia, fundador da Chilli Beans. Outro diferencial é a operação de custo reduzido, maximizando o resultado para o franqueado.

Ao aderir a esse modelo, o empresário não tem aquela surpresa e desgaste para fazer a mudança de ponto como acontece nas unidades convencionais. Mas nem tudo é fácil: um dos principais problemas de alguns lojistas que adotaram esse modelo é a variação climática e a imprevisibilidade do clima brasileiro. "Em dia de chuva é ruim. O clima interfere e o parque esvazia", alerta Eduardo Montejano, proprietário do contêiner da Chilli Beans no Parque Ibirapuera, em São Paulo.

MOBILIDADE Facilidade para mudar de endereço: pet shop em formato modular pode experimentar a freguesia em diversas áreas, de acordo com a demanda

Além do investimento mais baixo, retorno atrativo e a possibilidade de movimentar a loja de acordo com o público-alvo, existe outro lado que tem contado muito para o número crescente das lojas modulares: a sustentabilidade. Como todo o projeto é feito fora de um canteiro de obras, a montagem não gera resíduos e entulhos, fica livre de problemas relacionados às intempéries do clima e garante melhor produtividade na instalação.

Os níveis de ruído na vizinhança e o consumo de energia também são menores desde a concepção do projeto até a entrega da unidade. Além disso, por exigir menos processos de limpeza, consome menos água. "Acho que um dos diferenciais é a pegada sustentável, pois o 'Eco Chilli' é construído de material reciclado e também movido à energia solar", afirma Caito Maia. O empresário, que lançou a primeira loja modular em 2020, vai apostar pesado nos contêineres: ele tem como meta abrir mais 400 lojas nesse modelo nos próximos anos. ■

VERDE
Modelos feitos de material reciclável: pegada sustentável e localização privilegiada

Jovens bebem menos álcool

Nascidos entre 1995 e 2010, adultos da geração Z são os mais sóbrios de todos os tempos. Segundo estudo da Organização Mundial da Saúde, apenas 8% ingerem bebidas alcoólicas semanalmente

Elba Kriss

"O álcool não é isso tudo", afirma a publicitária Gabriela Cardoso, de 22 anos. A jovem não tem o hábito de consumir bebidas alcoólicas e acha que esse costume é superestimado pelas gerações mais velhas. Já provou alguns drinques por curiosidade, mas não gostou do sabor e nem teve prazer com a experiência. "Simplesmente não é uma coisa que me agrada. No Ensino Médio, quando a galera começou a beber, eu já não achava legal. Não entendia por que eles estavam bebendo e fumando", recorda. A consciência para manter a saúde física e mental começava ali. Essa é uma característica marcante da chamada geração Z, que segundo estudo internacional da Organização Mundial de Saúde (OMS), é a que menos consome álcool em todos os tempos. Jovens como Gabriela, nascidos entre a segunda metade dos anos 1995 e o início dos anos 2010, são os mais

FOTO: JOÃO CASTELLANO

“Vejo pais mais atentos, que não ficam embriagados na frente dos filhos. O exemplo não é a melhor forma de ensinar alguma coisa. É a única”

Arthur Guerra, presidente executivo do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool

ABSTÊMIOS Jovens curtem noite na capital paulista sem bebidas alcóolicas: consumo "zero álcool" é tendência

sóbrios da história. Conforme a pesquisa, apenas 8% ingerem bebidas alcoólicas semanalmente e 76% entendem que até seis drinques em um fim de semana é sinônimo de “problema”.

No Reino Unido, 26% dos que possuem entre 16 a 25 anos se classificam como abstêmios. Em comparação, na geração anterior, que tem hoje entre 55 e 77, apenas 15% poderiam ser classificados nesse perfil. Nos EUA, 27% dos universitários consomem álcool uma vez por mês; 25%, uma vez por semana; 28% declararam que não bebem. Em 2020, esse último número era de 20%. No Brasil, uma análise feita pelo Ministério da Saúde no ano passado mostrou que o consumo abusivo caiu de 25% para 19,3% entre os adultos com idades entre 18 e 24 anos.

Essa realidade pode ser constatada na noite de São Paulo. “Cada vez mais as pessoas se engajam num estilo de vida saudável”, observa a estudante Letícia Almeida, de 25 anos. “Prefiro uma bebida gaseificada de mate com cafeína”, afirma o DJ Patrício Ghidalevich, 35 anos. Já a empresária Farah Hoffmann, de 27, criou há alguns anos o costume de ficar sem beber álcool durante alguns meses. “Muda meu sono, diminui minha ansiedade e eu me alimento melhor”, afirma. Cortar excessos em benefício da disciplina é uma característica da geração Z. A publicitária Cássia Mamani, de 25 anos, elogia o estilo de vida da colega Gabriela, que é abstêmia: “Ela não tem ressaca no dia seguinte e não gasta com drinques superfaturados”. O mercado também mudou para atender esse novo perfil. “O drinque sem álcool é o novo veganismo. Antes não encontrávamos itens veganos no cardápio agora sempre tem pelo menos um”, afirma o publicitário Vinícius Favorito, de 23 anos. Na capital paulista, o Drosophyla Bar busca atrair esse segmento com opções não alcoólicas. São os drinques *mocktail* - junção das palavras *mock* (imitação) e *cocktail* (coquetel). Há sugestões refrescantes com chá de hibisco e bebida à base de gengibre, que fazem sucesso entre os clientes. “São bebidas deliciosas que dão vontade de repetir”, afirma a proprietária do bar Lilian Varella. As receitas ficam por conta do mixologista Kleiton Martins. “Estudamos os ingredientes para trazer aspectos diferentes para o cérebro e paladar”, diz o *bartender*.

QUALIDADE DE VIDA

A tendência do “zero álcool” anima a ala médica. Thiago Guimarães, psiquiatra da Rede Mater Dei de Saúde, em Belo Horizonte, diz que as próximas gerações devem ser beneficiadas. “Terão uma vida longeva e com mais saúde, uma vez que o consumo de álcool contribui para o desenvolvimento de mais de 200 doenças e condições médicas. São questões hepáticas, lesões por acidentes e violência, cânceres, problemas cardiovasculares e infecciosos”, afirma. “O álcool é responsável direto por mais de 5% de todas as mortes no mundo, segundo dados da OMS”. Um levantamento de 2017 feito pelo *European Journal of Public Health* atribuiu 23 mil casos de câncer ao consumo leve ou moderado da bebida. Em 2021, o *The Lancet Oncology* associou a ingestão de “menos de duas cervejas por dia” a 100 mil cânceres por ano.

Para Arthur Guerra, presidente executivo do Centro de Informações sobre Saúde e Álcool, a OMS acredita em um cenário promissor. “Essa turma é preocupada com a qualidade de vida”, observa. Ele ressalta a importância da família: “Vejo pais mais atentos, que não ficam embriagados na frente dos filhos. O exemplo não é a melhor forma de você ensinar alguma coisa. É a única”. ■

MENOS DOSES

No mundo

76% Dizem que beber até seis drinques em um fim de semana resulta em “problemas”

8% Ingerem álcool toda semana

No Reino Unido

26% Dos jovens entre 16 e 25 anos são abstêmios

Nos Estados Unidos

28% dos universitários não ingerem álcool

Comportamento/**Ciência**

A tecnologia desvenda a **arte**

Com ajuda da inteligência artificial, cientistas ingleses confirmam que a tela *Brécy Tondo* foi pintada pelo renascentista Rafael de Sanzio. A nova forma de identificação se mostra, agora, indispensável para futuros reconhecimentos de autoria

Fernando Lavieri

ESTILO Os quadros de Rafael *Brécy Tondo* (acima) e *Madona Sistina* (à dir.): semelhantes nos detalhes

O mistério em torno da autoria da pintura *Brécy Tondo* foi desvendado. Agora, tanto pessoas leigas quanto os especialistas vão poder apreciar e também analisar o quadro tendo a certeza de que foi pintado por Rafael de Sanzio (1483-1520). A confirmação foi feita por cientistas da Universidade de Nottingham, na Inglaterra. Ocorre, no entanto, que a descoberta não aconteceu da forma tradicional, ou seja, por artistas consagrados ou renomados intelectuais que se dedicam a estudar o tema por anos. Dessa vez, os pesquisadores são especialistas em tecnologia e valeram-se da inteligência artificial. Com o dispositivo tecnológico comparou-se *Brécy Tondo* a *Madona Sistina*, também de Rafael. As magníficas pinturas têm dimensões e elementos diferentes, mas ambas trazem como figura central Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços. Foi o que permitiu a verificação. As partes das pinturas escolhidas para o cotejamento foram os rostos femininos e das crianças — e os resultados apresentaram semelhança de 97% e 86%, respectivamente. Os pesquisadores asseguram que, quando se alcança porcentagem comparativa superior a 75%, como *Brécy Tondo*, pode-se atestar que os dois quadros foram pitados pela mesma pessoa. Hassan Ugail, cientista que está à frente do trabalho, afirmou à imprensa britânica que o olho humano consegue perceber apenas o que é obvio. "Já o computador pode ver profundamente, em milhares de dimensões, em nível de pixel", disse ele.

PESQUISA Hassan Ugail, perito em tecnologia da computação: impressionante descoberta

"A tecnologia confirmou o que os especialistas já davam como certo", afirma Edna Stradioto, artista plástica e fundadora do Artrilha. Ela explica que, desde a década de 1980, peritos em arte renascentista e também em Rafael Sanzio fazem a associação entre *Brécy Tondo* e outras obras do mestre renascentista. "Existem características no trabalho de Rafael que ele repetiu em muitas pinturas", pontua ela. Tais especificidades, segundo Edna, estão ligadas ao formato das imagens e às cores escolhidas, principalmente nas roupas. "Em Rafael, quase sempre os mantos são apresentados com tom azul e os vestidos em vermelho". As feições dos desenhos também se repetem: os contornos dos corpos arredondados e traços dos rostos. "É como se Rafael de Sanzio estivesse vivo e tivesse acabado de pintar *Brécy Tondo*", finaliza Edna. George Lester Winward (1934-1997), colecionador de arte britânico, adquiriu *Brécy Tondo* em 1981 e estava convencido de que Rafael de Sanzio era o seu autor. Por isso ele criou a fundação *The de Brecy Trust*, onde o quadro está exposto. ■

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Niemeyer REVERENCIADO

Exposição em Portugal comemora os 115 anos de nascimento do arquiteto brasileiro que se tornou um dos mais famosos em todo mundo. A mostra reúne fotos, cartas e projetos ligados a oito décadas de trabalho e também itens pessoais **Fernando Lavieri**

RARIDADE Niemeyer (acima, ao centro) em Nova York, em 1948: aprovação de seu projeto para a sede da ONU

AMIZADE E POLÍTICA Luís Carlos Prestes (à esq.) e Niemeyer: unidos pela ideologia marxista

OBRA Maquete do sambódromo do Rio de Janeiro: excelência arquitetônica

As comemorações internacionais dos 115 anos de nascimento de Oscar Ribeiro de Almeida Niemeyer Soares Filho começaram na semana passada na Ilha da Madeira, em Portugal. Trata-se da exposição: *Oscar Niemeyer, 115 anos da curva infinita*. Para além de remontar toda a trajetória profissional de um dos mais importantes arquitetos dos séculos XX e XXI, criador de projetos impressionantes que deram origem, por exemplo, à cidade de Brasília, em 1960, e à sede da ONU, em Nova York, em 1948, a mostra vai apresentar aos visitantes os mais diversos objetos que pertenceram a Niemeyer. Os mais de cem itens que serão exibidos, muitos inéditos, fazem parte do acervo de Paulo Sergio Niemeyer, bisneto de Oscar e também arquiteto.

Os principais destaques são plantas, maquetes, mobiliário, fotografias, vídeos, livros, cartas e desenhos originais. "Os desenhos são as coisas que mais me fazem lembrar o período em que moramos e trabalhamos juntos", conta Paulo. "Posso dizer que ele era dedicado ao trabalho, solidário e fiel aos amigos". O idealizador e curador da exposição, Alexei Waichenberg, conta que os objetos foram transportados com extremo zelo devido ao valor histórico e sentimental.

"Em tempos de ataque às democracias pelo mundo, quando se destrói obras de arte que consolidam a história, é importante valorizarmos o legado de Oscar Niemeyer", diz ele. O local escolhido para a realização da exposição, o Fórum Pestana do Casino da Madeira, também está incluído nos mais de quinhentos projetos desenvolvidos por Niemeyer ao longo de mais de oito décadas de trabalho. "Oscar Niemeyer quebrou paradigmas e se tornou o mais emblemático dos arquitetos modernistas", afirma Waichenberg. O homenageado gostava de dizer que o ângulo reto não o atraia, mas, sim a curva, à qual definiu como livre e sensual. E foi por meio dela que rompeu o parâmetro da reta para dar beleza e vida a palácios, cassinos, museus, templos e embaixadas de diversos países. ■

FOTOS: ACERVO PESSOAL DE PAULO SERGIO NIEMEYER

Um gigante que assombra os mares

SEM DESTINO Porta-aviões São Paulo: navio circula entre a costa de Pernambuco e o alto-mar, enquanto espera sua sentença de morte

O porta-aviões São Paulo, que viraria sucata na Turquia e se tornou um perigoso agente de contaminação de águas, passou a ser rebocado pelos mares sem destino certo; agora está perto de ser afundado pela Marinha

Denise Mirás

Um navio-aeródromo de passado glorioso, que fazia parte da Marinha da França entre a década de 1960 e 2000, vagueia como um casco-fantasma pelos mares, sem destino certo e a ponto de ser afundado de vez. O porta-aviões, como os NAe são conhecidos popularmente, foi chamado de "Foch" em homenagem ao comandante dos Aliados na Segunda Guerra, Ferdinand Foch, e participou de missões importantes no Pacífico, no Mar Vermelho e no Egeu, até ser comprado por US$ 12 milhões (cerca de R$ 60 milhões, hoje) pelo Brasil, aonde chegou em 2001. Rebatizado de "São Paulo", combinou seus deslocamentos pela costa com problemas recorrentes, até virar uma assombração para órgãos públicos, empresas e ambientalistas. São muitas as denúncias nacionais e internacionais sobre as toneladas de resíduos tóxicos que escorrem pelas brechas de seu casco, extremamente perigosos à vida marinha. De certo é que, após tantas idas e vindas, o São Paulo está condenado.

A decisão da Marinha do Brasil, que assumiu uma embrulhada operação em 20 de janeiro, é pelo afundamento controlado. A rebocagem abriria ainda mais as "feridas" do São

FOTO: MSK

Paulo, com vazamentos de amianto, por exemplo, banido pelo mundo todo por ser cancerígeno. Uma nota oficial de 1º de fevereiro, assinada em conjunto pelo Ministério da Defesa, Advocacia-Geral da União e a Marinha do Brasil, afirma que afundar o que resta do porta-aviões é inevitável – mesmo após ter recebido uma oferta de R$ 30 milhões pela carcaça, por parte de uma empresa saudita.

O São Paulo, substituto do Minas Gerais (1960-2002), foi driblando problemas desde que chegou. Em 2014, foi entocado na base da ilha das Cobras, no Rio de Janeiro. O maior navio de guerra do Hemisfério Sul – 265 metros de comprimento e 33 mil toneladas de deslocamento à plena carga – recebeu uma proposta para sua modernização, mas foi descartada em 2017 pelo alto custo de R$ 1 bilhão que seria gasto na reforma. Em 2021, chegou a ser arrematado por cerca de R$ 12,5 milhões pela empresa turca Sök Denizcilik Tic Sti (Sök), especializada em desmonte de navios, para ser reaproveitado como sucata. O valor foi visto com estranheza, uma vez que o site turco SÖZCÜ informa que o arremate foi por US$ 75 a tonelada naval, em vez dos US$ 450 pagos à época no mercado de reciclagem. De toda forma, em 4 de agosto de 2022, o São Paulo estava no Arsenal da Marinha, no Rio de Janeiro, preparado para ser rebocado para o estaleiro de Aliağa, na Turquia. Foi aí que sua viagem teve início – e o seu fim também.

CIRCULANDO SEM RUMO

Quando o comboio alcançou a costa do Marrocos, o governo turco barrou sua entrada no estreito de Gibraltar. A quantidade de contaminantes teria sido subestimada pelas autoridades brasileiras, que diziam ser menos de dez toneladas. Ambientalistas, porém, calculavam em pelo menos 300, pela comparação com seu navio-irmão Clemenceau. Entidades turcas ligadas à proteção de fauna e flora alertaram sobre o perigo de liberação de amianto e até restos de material nuclear, porque o navio foi contaminado nos testes nucleares da França, no Pacífico. Segundo a Marinha do Brasil, os franceses fizeram a desamiantação ainda na década de 1990, com a retirada de 55 toneladas de elementos contaminantes.

O comboio teve de retornar, por determinação do Ibama, e ficou pelas proximidades do porto de Suape, em Pernambuco. Foi proibido de atracar pela Agência do Meio Ambiente do Estado. Em outubro de 2022, o navio já não tinha rumo e a rebocadora MSK Maritime Services & Tradingalegou ameaçava largar o casco à deriva. Até que, em 10 de janeiro, alegando já ter gasto US$ 2 milhões de combustível circulando pelos mares sem nenhuma solução à vista, "abandonou o barco" e deixou a empreitada.

A carcaça do São Paulo foi levada a uma área dentro das Águas Jurisdicionais Brasileiras (AJB), a 350 quilômetros da costa, onde a profundidade está em torno de cinco mil metros, acompanhada pela fragata União e pelo navio de apoio Purus, substituto do rebocador da MSK. Em 1º de fevereiro, o comboio estava nessa zona, a meio caminho da África, segundo dados de monitoramento online do Greenpeace. No dia seguinte, no entanto, apesar da própria Marinha ter reconhecido o perigo de realizar outros deslocamentos, o mapa em tempo real mostrava o navio em rodeios, novamente próximo da costa de Pernambuco.

ACUSAÇÕES SEM SOLUÇÕES

Foram diversos prós e contras em relação ao afundamento, contestado pelo Ministério do Meio Ambiente e impedido por ação do Ministério Público Federal de Pernambuco (que, por sua vez, foi revertida pela Justiça Federal do próprio Estado). Internacionalmente, a belga Shipbreaking, de proteção aos oceanos, apontava "negligência criminosa", afirmando ainda que o Brasil violaria três tratados ambientais internacionais se afundasse o casco carregado de resíduos tóxicos altamente poluentes.

Literalmente muita água correu sob o navio, um fantasma incômodo e rodeado de acusações ligadas ao governo Bolsonaro. No fim de 2022, já se colocava ao largo dos riscos e das urgências; ao governo turco, que teria quebrado contrato; à empresa que teria certificado a segurança para a Marinha; à companhia turca que comprou o casco em leilão e lavou as mãos; à seguradora que alegou impossibilidade de cumprimento de contrato; à rebocadora que abriu mão de levar o navio-fantasma a algum destino; às autoridades judiciais que contrapõem ações que não resolvem a questão; aos órgãos públicos que não apresentaram soluções. Ambientalistas também se dividiram quanto ao menor prejuízo na contaminação inevitável dos mares: tentar consertar o casco ou afundar o que restasse do navio. De glorioso, o São Paulo virou uma assombração dos mares. ■

PORTE-AVIONS "FOCH"

RAIO-X DO SÃO PAULO

265
metros de comprimento

31,7
metros de boca

24,2
toneladas

32
nós de velocidade máxima

1.500
tripulantes

40
aeronaves, entre aviões e helicópteros

Comportamento/Veganismo

Couro de abacaxi

Recursos renováveis substituem couro e outros materiais sintéticos, entregando resistência e beleza aos consumidores apaixonados por moda e sustentabilidade *Ana Mosquera*

A sustentabilidade está na moda. Se a reutilização de tecidos e o uso de recicláveis, como garrafas PET, nas confecções já estava em alta, o investimento em inusitados materiais renováveis para substituir os tradicionais impressiona.

Criado pela espanhola Carmen Hijosa, o couro de abacaxi é alternativa ao de origem animal, cuja produção é uma das mais poluentes da indústria têxtil, pelo gasto excessivo de água e o despejo de metais pesados no meio ambiente. "A indústria da moda tem um papel essencial na introdução destes tipos de materiais no mercado e também na divulgação de suas vantagens", fala a empresária.

Patenteado pela sua empresa, a Ananas Anam, que possui Certificação B-Corp de sustentabilidade social, o couro conhecido como Piñatex é feito das fibras das folhas da planta do abacaxi, que seriam descartadas ou queimadas. Ao utilizá-las em sua forma natural, a estrutura de celulose do vegetal é preservada, o que garante pouco processamento e nenhum resquício de produtos químicos nocivos.

Além de conter a geração de resíduos, a fabricação do Piñatex agrega valor aos produtores do fruto. "Ao valorizar as folhas, criamos fluxos de renda diversificados e adicionais, e criamos empregos nas áreas rurais das comunidades agrícolas", diz. Em 2021, foram 825 toneladas de folhas resgatadas e mais de 300 empregos gerados em comunidades rurais nas Filipinas.

Enviado para mais de 80 países, e figurando em coleções de Hugo Boss, H&M e Nike, é nos modelos da Insecta Shoes que o couro vegetal pode ser encontrado no Brasil. Barbara Mattivy, fundadora e diretora criativa da marca, conta que namorava a matéria-prima há tempos, mas foi só há três anos que conseguiu viabilizar seu uso por aqui. "Quando a gente começou era tudo mato. Fomos uma das primeiras marcas do país a trazer na comunicação a história dos produtores e a conscientização. Foram pilares fundamentais para ganhar o mercado", conta.

PIONEIRA Carmen Hijosa envia couro de abacaxi para 80 países

DE OLHO NO PÉ Couro vegetal junta conforto e estilo na bota da Drew Veloric

TUDO PRATA Poltrona feita do couro da fruta tem design do tunisiano Tom Dixon

A empreitada foi positiva. A nutricionista Alessandra Luglio é vegana e usuária dos sapatos feitos com o material: "Não vejo diferença quanto à flexibilidade, resistência e beleza". Sobre a durabilidade, só o tempo irá dizer, mas ela lembra que, infelizmente, esse é um conceito relativo no mundo da moda: "A maioria das pessoas compra um sapato, usa um tempo e se desfaz, então essa durabilidade é parcial. Por isso é sempre vantajoso substituir o que é de base animal".

Assim como a versão animal, além de estar presente em calçados, o couro de abacaxi é usado na fabricação de roupas, bolsas, estofados e peças de bicicleta. Famosa pelas inovações, a Balenciaga também inaugurou um tipo de couro no último inverno. Feito do corpo vegetativo do cogumelo, o micélio, o EPHEA™ é um couro projetado exclusivamente para a marca espanhola, sem comprometer a qualidade e o desempenho técnico.

O uso consciente da natureza também reside na produção de materiais de origem vegetal já conhecidos, como a borracha de Xapuri, no Acre, fruto de manejo sustentável e utilizada pela franco-brasileira Vert nos solados de seus tênis casuais.

TAMBÉM VEM DO MAR

"As algas devem se proliferar na moda em 2023", saiu em trecho do relatório da WGSN, autoridade em tendências de consumo. Pioneira no tingimento com algas pretas, a inglesa Vollebak lançou a camiseta Black Algae Dyed na última coleção. Apesar do nome Garbage (lixo, em inglês), a série nada tem de inutilizável.

Chamada de SeaCell, a tinta corresponde a 20% da peça (os outros 80% são algodão orgânico) e leva polpa de eucalipto de florestas sustentáveis, além das algas marinhas dos fiordes islandeses. Abundantes na região, os organismos aquáticos têm apenas a parte superior coletada, o que permite sua regeneração.

Da costura 100% algodão à etiqueta impressa com a mesma tinta, a Vollebak cumpre requisitos importantes: produção de roupas de vida longa, redução de resíduos e utilização consciente da natureza. "Estamos abordando os três pilares, e construindo camisetas, moletons e calças com materiais naturais, como cânhamo, algas marinhas e eucalipto", diz o cofundador e CEO da empresa, Steve Tidball. ■

INOVAÇÃO Couro ecológico de cogumelo é exclusivo da espanhola Balenciaga

COR DO MAR Camiseta de algodão orgânico da Vollebak leva tinta de algas

SELIM Couro e pedalada sustentável com a Riva Cycles

FOTOS: DAVID STEWAR ; PAN ALVES; DIVULGAÇÃO: VOLLEBAK/SUN LEE

RIO DE JANEIRO
Muita luz artificial ofusca os céus, apagando as estrelas

AS ESTRELAS ESTÃO APAGADAS

Poluição luminosa impede a visualização dos astros no céu, e prejudica o sono e a manutenção da fauna

Ana Mosquera

As estrelas estão sendo apagadas, pelo menos a olho nu e nas grandes cidades. Segundo estudo da campanha Globe At Night, a partir de 50 mil observações, o brilho do céu noturno aumentou quase 10% ao ano, de 2011 a 2022. A poluição luminosa se caracteriza pelo uso excessivo e inapropriado de iluminação artificial, que impede a visualização de componentes celestiais à noite. Suas consequências transcendem a observação estelar e recaem sobre a saúde humana e a preservação da fauna. Enquanto a postura de ovos das tartarugas marinhas e o acasalamento dos vagalumes são prejudicados, distúrbios do sono e alterações hormonais são sentidos no ciclo diário humano (circadiano).

Os prejuízos ambientais também vêm em cadeia. "Nos lugares de mais poluição luminosa há muito gasto de energia e emissão de CO_2, então também é um indicativo de poluição da atmosfera", lembra José Augusto Chinellato, professor do Instituto de Física da Unicamp.

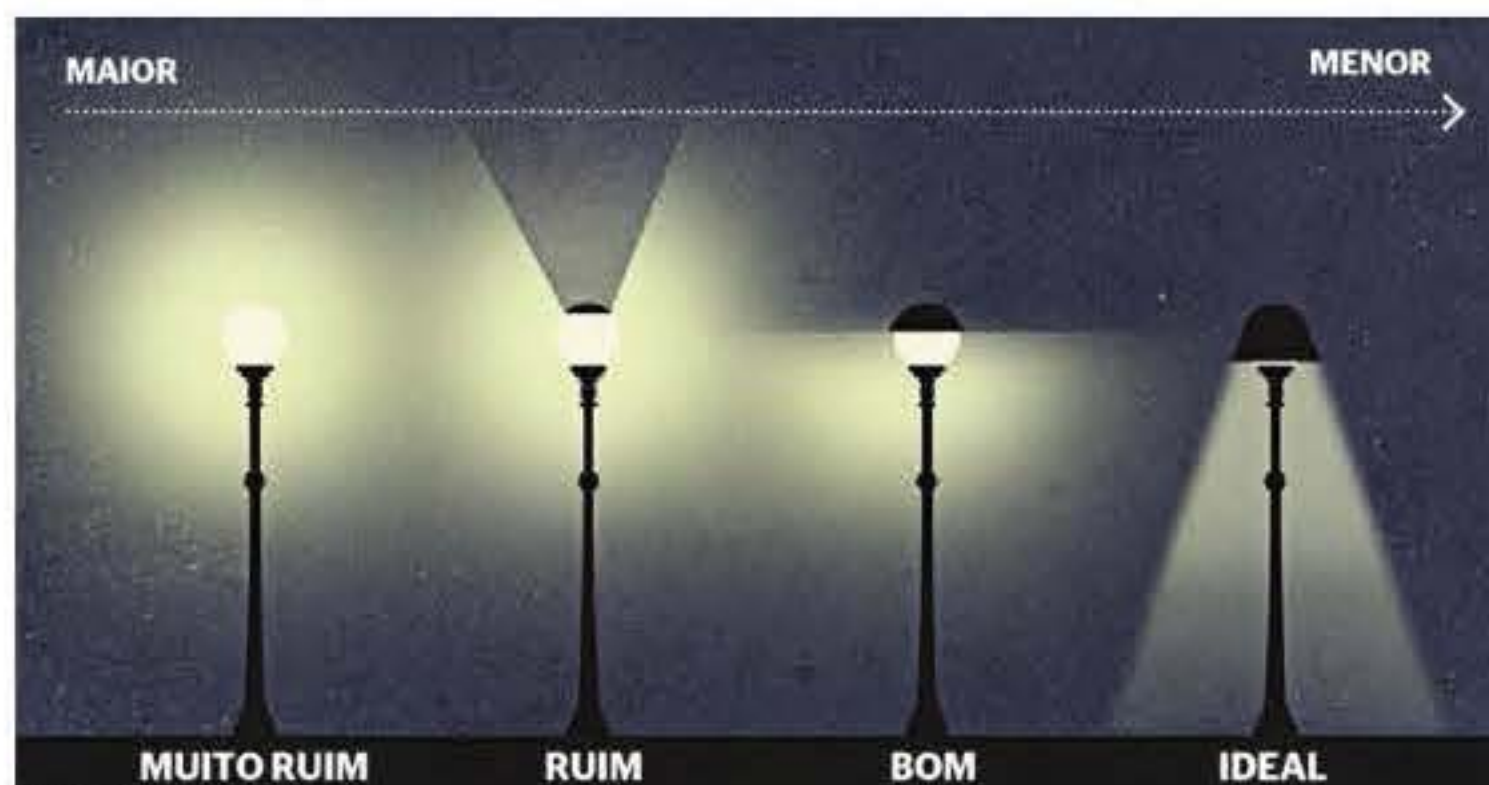
Marcelo de Oliveira Souza, professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e coordenador geral do Clube de Astronomia Louis Cruls, luta por um céu mais estrelado e conta que as discussões pró-iluminação excessiva se apóiam na segurança pública. Segundo ele, porém, é comprovado empiricamente que holofotes podem mais ofuscar do que clarear a visão. "O mais importante é o direcionamento. O ideal é que a lâmpada esteja para baixo e em ângulo pequeno, para permitir a iluminação na região próxima ao solo, que é onde as pessoas estão passando", diz.

A solução vai além de transferir observatórios para locais inóspitos, e passa por estudo de sistemas e equipamentos, bem como investimento. "É possível ter um bom fluxo luminoso, com economia de energia e menos dissipação de calor para o meio ambiente", fala Monica Dolce, arquiteta e urbanista, que acredita que faltem programas e políticas públicas que controlem a iluminação artificial. ■

POLUIÇÃO LUMINOSA

As melhores e as piores iluminações de rua que afetam a visualização das estrelas

ARCHDAILY

FOTOS: ISTOCK PHOTO; ARCHDAILY

PRA ONDE VOCÊ RESOLVER IR,
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

SURREALISMO
Schiaparelli: reprodução hiper-realista de cabeças de leão, lobo e leopardo para chocar e viralizar nas redes sociais

Soltando **as feras**

As **excêntricas coleções** da Semana de Alta-Costura de Paris viraram polêmica. Na passarela, **animais selvagens** e **vestidos de ponta-cabeça**. A teatralidade exibida abre margem para o debate sobre moda, fantasia e arte, e traz a pergunta: **é para vestir**?

Elba Kriss

As singulares coleções da Semana de Alta-Costura de Paris, realizada há alguns dias na França, abriram uma polêmica. A Schiaparelli exibiu modelos com ornamentos que reproduzem, de forma incrivelmente hiper-realista, animais selvagens. Fenômeno nas mídias sociais, Kylie Jenner surgiu na primeira fila em um vestido preto com uma gigantesca réplica de cabeça de leão. Na passarela, a mesma peça foi apresentada por Irina Shayk. Naomi Campbell vestiu um lobo e Shalom Harlow um leopardo. A internet se agitou contra a teatralidade surrealista da centenária grife francesa.

Questionamentos e opiniões sobre o limite da mesclagem entre moda, fantasia e arte viralizaram na mesma velocidade que as fotos. É preciso entender um ponto: a Semana de Alta-Costura traz desfiles conceituais, criações que não são para serem usadas nas ruas, pois não têm contexto comercial. "Não estamos vendo roupas e, sim, a intenção das marcas e estilistas. É necessário olhar como se fossem obras de arte, sem julgamento rígido", explica Camila Cavalcante, stylist pela Escola de Moda de Lisboa. "Diante de uma tela, tentamos entender a mensagem do artista ou não?", questiona.

A etiqueta francesa tem o surrealismo em seu DNA. Por isso, para este ano, seguiu à risca seu histórico vanguardista com criações inspiradas no livro *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Com o nome de Inferno Couture, Schiaparelli trouxe leão, lobo e leopardo como as feras representando luxúria, orgulho e avareza na porta do inferno de Dante. Em tempos de redes sociais, essa explicação chegou tarde demais. Fotos e vídeos foram deturpados pelo grande público, que enxergou crueldade animal, uso de peles e caça. Os criticados adereços foram feitos artesanalmente, com espuma esculpida à mão, resina, lã e pele sintética de seda.

"Que cabeças de animais não sejam jamais usadas de enfeite. Nem de brincadeira. Por uma moda e um mundo mais elegantes"
Danielle Ferraz, consultora de moda

A discussão chegou até a Peta, organização não governamental de proteção aos animais, que saiu em defesa de que "roupas podem ser uma declaração contra a caça". Ingrid NewKirk, presidente da entidade, repudiou quem pensou em taxidermia. "Essas cabeças tridimensionais fabulosamente inovadoras mostram que, onde há vontade, há um caminho. Encorajamos todos a aderirem a designs 100% livres de crueldade, que mostrem a engenhosidade humana e evitem o sofrimento dos animais", declarou.

O universo fashion se divide. A consultora de moda Danielle Ferraz, que já visitou o ateliê da marca em Paris, ressalta que apesar de polêmica, Schiaparelli tem em seu legado a delicadeza na "busca por embelezar mulheres", o que não aconteceu neste ano. "A forma que o surrealismo foi trabalhado passa a imagem da cabeça como troféu. Antigamente o luxo era muito ligado a isso: ter pele verdadeira ou uma cabeça de animal na sala dos nobres", observa. Usar a imagem de um bicho, ainda que de pelúcia e como enfeite, derrapou na elegância. "Poderia ser de outro jeito e respeitando o movimento de vanguarda. Talvez, com metal."

Apesar de criticada, a casa viralizou e quem não a conhecia passou a saber que ela existe. Mesmo assim, especialistas rogam pelo consciente. "Creio que cabe mostrar a parte artística. Há espaço para isso, desde que não bata em problemas que já enfrentamos. Moda influencia no comportamento, não podemos esquecer isso", ressalta Danielle.

ESPETÁCULO
Viktor&Rolf: marca holandesa apresentou surrealismo com vestidos conceituais e em todas as direções

MODA DESAFIADA

Também em Paris, outra grife repercutiu com algo igualmente fora do comum. A Viktor&Rolf apresentou um espetáculo de surrealismo com vestidos, literalmente, de ponta-cabeça. Com humor, os estilistas brincaram com a costura, e a mensagem da arte foi simples. "Criamos algo que de alguma forma é impossível, que desafia a gravidade, mas está aí", explicou Rolf Snoeren. Se a questão é chamar a atenção, esse é um exemplo de como isso pode ser feito sem atingir temas sensíveis. Principalmente hoje, em que o julgamento online é instantâneo. "Acessibilizar é importante, a moda e as formas de consumo e circulação da informação mudaram nos últimos tempos. E isso também precisa ser avaliado pelos criadores", aponta Heloísa de Sá Nobriga, coordenadora do curso de Design de Moda da Estácio.

Aos que têm curiosidade ou apreciam tendências, a profissional sugere uma reflexão: "Quando olhamos para um desfile e pensamos 'quem vai usar isso?', estamos muito longe do que é a moda. O que vai para as ruas passa por um longo processo desde a conceituação até a transformação dos principais elementos em peças comerciais". ■

FOTOS: MICHEL EULER/AP PHOTO; © SEBASTIEN FREMONT/STARFACE VIA ZUMA PRESS; FRANCOIS DURAND/GETTY IMAGES VIA AFP

Gente

por Elba Kriss

Tal mãe, tal filha

A modelo Yasmin Brunet, nova musa da Grande Rio, foi agraciada com o posto em grande festa na quadra da escola. "Não poderia estar mais feliz em seguir os passos da minha mãe, que sempre será um dos grandes ícones do Carnaval carioca", agradeceu. A beldade é herdeira de Luiza Brunet, referência quando o assunto é a folia por suas passagens memoráveis à frente da Portela e Imperatriz Leopoldinense. A escolha, no entanto, não agradou a todos: Yasmin foi criticada nas redes sociais por não ter samba no pé e por ocupar a vaga que poderia ser de uma garota da comunidade. A empresária de 34 anos, no entanto, não desanimou. Contratou um professor de dança e passou a investir pesado nas aulas. E não perdeu o bom humor: "Sem pressão, galera. Quero me divertir e fazer o meu melhor".

Um homem quase perfeito

O homem mais bonito do mundo é o ator **Regé Jean-Page**. Quem diz isso não é apenas a mulherada que suspira quando ele aparece na série *Bridgerton*, da Netflix. É um dado científico: o galã de 34 anos foi submetido a uma análise técnica de mapeamento computadorizado. O britânico possui um rosto 93,65% perfeito, de acordo com a Proporção Áurea Grega de Beleza Phi, método que examina a simetria dos traços. O ator Chris Hemsworth, que interpretou o super-herói Thor nos filmes da Marvel, chegou perto: obteve 93,53 %.

Talento made in Bahia

Eles cresceram vendo seus pais arrastando multidões – e decidiram seguir o mesmo caminho. **Migga, Zaia, Raysson** e **João** – herdeiros de Carlinhos Brown, Reinaldinho, Tonho Matéria e Saulo Fernandes, respectivamente, na foto acima – formam a banda Filhos da Bahia, que acaba de lançar seu álbum de estreia. O trabalho, simbolicamente batizado com a palavra *Bença*, é o primeiro passo no desejo de demonstrar que o talento pode ser hereditário. "Aprendi com meu pai a ter pé no chão, foco e crença de que pode dar certo. Se não der, continuaremos da mesma forma. Fazemos música por amor, não pelo sucesso", diz Raysson, filho de Tonho Matéria. O peso do sobrenome não intimida os jovens artistas. "Existe expectativa, mas não é pesada. Procuramos olhar com resiliência às possíveis dificuldades que surgirem. Curtimos o processo de aprendizado e estamos amadurecendo", afirma Zaia, filho de Reinaldinho.

Tolerância religiosa

A rivalidade e a amizade entre uma pastora e um padre tem agradado o público na novela *Mar do Sertão*, na Globo. No enredo, a fictícia cidade de Canta Pedra abraçou os dois líderes religiosos da comunidade. A atriz **Heloisa Jorge**, que interpreta a pastora Dagmar, comemora o sucesso da personagem. "A Dagmar tem falas contundentes sobre respeito à fé, independentemente da religião. Sou encantada por essas provocações ecumênicas e bem-humoradas que ela propõe, principalmente nas cenas com o Padre Zezo (Nanego Lira)". Além disso, Heloisa crê que a igreja tem função social e não deve se calar diante das injustiças. Para a atriz, o personagem tem responsabilidade: "Uma jovem líder religiosa, nada conservadora, progressista, com olhar plural e acolhedor na TV aberta? Em um país como o Brasil, isso é algo para celebrar".

Tem garoto a mais na *boyband*

Ídolos nos anos 1990, os Backstreet Boys passaram por Curitiba, São Paulo e Belo Horizonte na semana passada. Com inúmeros hits, a *boyband* empolgou a nostálgica plateia – grande parte feminina. Na capital paulista, jogaram até cuecas para elas. **AJ McLean, Howie Dorough, Nick Carter, Kevin Richardson** e **Brian Littrell** não fizeram show no Rio de Janeiro, mas estiveram na cidade e curtiram a vida noturna. O quinteto também não topou gravar o *Caldeirão*, na Globo, mas recebeu **Marcos Mion** nos bastidores do Allianz Parque. O apresentador tietou o grupo e ainda realizou um sonho: posou para as fotos como se fosse o sexto integrante.

Família Presley em guerra

A morte de Lisa Marie Presley sequer completou um mês, mas os familiares já brigam pela herança. Há uma semana, ***Priscilla Presley****, mãe da cantora e viúva de Elvis Presley, acionou a Justiça para contestar uma alteração feita no testamento em 2016. Segundo o documento, a atriz* ***Riley Keough****, filha da falecida, passaria a ser a única administradora dos bens da mãe. Priscilla não gostou da mudança e a disputa promete ir longe. Há suspeita de que a assinatura de Lisa na papelada alterada não parece a "usual e habitual" – e que o nome estaria errado. Avó e neta precisarão se entender diante das autoridades.*

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM; AMY SUSSMAN/GETTY IMAGES VIA AFP; RAFAEL SOARES/DIVULGAÇÃO; PEDRO NAPOLINÁRIO/DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO INSTAGRAM; JON KOPALOFF/GETTY IMAGES VIA AFP

PLANO DE METAS AMEAÇADO

Após Lula declarar que a independência do Banco Central é uma "bobagem" e criticar o valor-alvo para a inflação, aumenta o temor de que o governo relaxe no combate à alta dos preços. Economistas reagem e acham que se trata de uma ameaça a um dos pilares do Plano Real *Mirela Luiz*

Desde dezembro, antes mesmo do presidente Lula tomar posse, o mercado e os especialistas têm aumentado suas projeções de alta da inflação e da taxa de juros para 2023. O motivo dessa desconfiança é a falta de uma política econômica clara, agravada pelas declarações polêmicas do presidente. As manifestações, infelizmente, se sucedem, o que tem aumentado o ceticismo e criado um círculo vicioso em que os índices deixam de melhorar ou se agravam sem necessidade.

Crítico do teto de gastos, Lula conseguiu aprovar uma emenda à Constituição antes mesmo de tomar posse para extrapolar o limite em R$ 145 bilhões. Mais recentemente, atacou a autonomia do Banco Central, dizendo que se trata de uma "bobagem". Nada disso ajudou a melhorar as expectativas. "As metas de inflação que foram estabelecidas no Plano Real são importantes para o Brasil e para estabilidade da economia. A independência do BC foi um avanço. A autonomia permite que possa atuar como 'guardião' das metas de inflação através da política monetária e dos juros", argumenta Joelson Sampaio, professor de economia da FGV EESP.

As críticas de Lula fizeram crescer o temor de que as metas sejam revistas na próxima reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN). Isso despertou críticas de economistas e já faz a expectativa de inflação deste e do próximo ano crescer, aponta o boletim Focus, do BC. Ele capta as expectativas do mercado, mostrando que a projeção para a inflação deste ano passou de 5,08%, logo após a reunião do Copom de dezembro, para 5,74%, na última semana. Na última quarta-feira, o Copom manteve a taxa Selic em 13,75% ao ano pela quarta vez seguida e afirmou que as expectativas de inflação subiram recentemente "dada a incerteza acima da usual".

SOB PRESSÃO Presidente do BC, Roberto Campos Neto é um dos grandes defensores da autonomia da instituição da entidade

"A história mostra aonde leva este absurdo de considerar um pouco de inflação é positivo para a economia e principalmente para a renda do trabalhador. Estamos voltando para 1986", critica Luiz Carlos Mendonça de Barros, ex-presidente do BNDES no governo FHC. Rica Melo, economista e especialista em gestão de negócios, avalia que a atitude de questionar o regime de metas de inflação, estabelecido desde 1999, e a independência do BC, cuja autonomia foi aprovada pelo Congresso em 2021, gera desconfiança em relação à estabilidade monetária, à previsibilidade das condições econômicas e à confiança na moeda. "Neste momento, questionar as metas

5,74%

Expectativa de inflação para 2023 segundo o boletim FOCUS

FOTOS: JOSÉ CRUZ/AGÊNCIA BRASIL; ETTORE CHIEREGUINI/AGIF/AFP; ROBERTO CASIMIRO/FOTOARENA/FOLHAPRESS

PANOS QUENTES O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, contemporizou a fala do presidente e defendeu a autonomia do BC

de inflação perseguidas pelo BC e criticar as taxas de juros tira do foco dos reais problemas do País. Parece até que essa narrativa é para justificar a impossibilidade de entregar as promessas de campanha", afirma Melo.

Caso os especialistas passem a prever inflação acima da meta, isso pode de fato levar a uma inflação maior. O BC, então, seria obrigado a reagir, com juros ainda maiores. Estudo feito pelo Itaú Unibanco diz que o Banco Central poderia ser obrigado a elevar os juros básicos para quase 15% ao ano no segundo semestre, caso o governo resolva aumentar a meta de inflação de 2024 em diante para 4,5%, na reunião do CMN de junho. "Caso não siga este princípio, qualquer banco central perderá a capacidade de estabilizar a inflação", alerta o economista e ex- diretor do Banco Central, Alexandre Schwartsman.

O aperto monetário do BC começou há vários meses e conseguiu levar a inflação a patamares inferiores aos de alguns países, como os EUA e integrantes da União Europeia. Em 2022, a inflação brasileira fechou em 5,79%. As metas para a inflação perseguidas pelo BC para 2023 são de 3,25% e de 3,00% em 2024 e 2025, com margem de tolerância de um ponto porcentual. Schwartsman explica que, independentemente do formato preciso da regra, todos os bancos centrais historicamente capazes de manter a inflação ao redor da meta adotam um mesmo princípio: caso a inflação suba (ou caia) um ponto percentual, a taxa de juros deve subir (ou descer) mais do que um ponto percentual.

3,25%

Meta de inflação do Banco Central para 2023

As expectativas de inflação podem estar certas ou erradas, mas quando é o próprio governo, por meio de decisão do CMN, órgão composto pelo Ministro da Fazenda, Ministra do Planejamento e o presidente do Banco Central, que levanta a lebre de que seja admissível uma inflação mais elevada, fica evidente que as expectativas do mercado financeiro acerca da inflação aumentem. "Isso já seria complicado se o BC gozasse de grande credibilidade", frisa o ex-diretor do BC. A questão é como o Banco Central lidará com a piora percebida pelo mercado no risco fiscal e o risco de mudanças nos planos de metas depois da declaração do presidente. "Nós estamos em um momento crítico. Depois de décadas em que o Brasil tem um protocolo de combate à inflação, estamos involuindo para um sistema arcaico, baseado nesse pensamento absolutamente irreal de que um pouco de inflação é bom para o crescimento", critica Barros. ■

FAVORÁVEL Ministra do Planejamento, Simone Tebet mantém sua posição a favor da independência do BC, mesmo tendo saído em defesa de Lula

VIOLÊNCIA Manifestantes na capital, Lima, em 28 de janeiro. Proposta de antecipação das eleições presidenciais foi rejeitada e o impasse continua

Crise sem fim

Manifestantes **exigem a renúncia** de Dina Boluarte, a sexta presidente do Peru em quatro anos. Sem mudanças no sistema de governo, **novas eleições** não evitarão **crises continuadas**

Denise Mirás

Imerso em crises políticas, o Peru parece viver um conflito eterno. Agora, o país se vê novamente tomado por manifestantes nas ruas, com dezenas de mortos e centenas de feridos em confrontos diante da repressão policial violenta, apoiada pela presidente Dina Boluarte, que não completou nem dois meses de gestão. Mesmo que o Congresso aprovasse a proposta apresentada por ela, de antecipar eleições presidenciais de abril de 2024 para outubro deste ano, o sistema de governo segue favorecendo os constantes tremores institucionais. Como o Legislativo pode destituir o Executivo e o Executivo pode dissolver o Parlamento, a nação vive um moto-contínuo em que já rodaram seis presidentes em quatro anos. E a própria Dina Boluarte está com a cabeça a prêmio.

Eleições antecipadas não seriam a solução, diz André Leite Araujo, doutor em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de Bolonha. "A Constituição vem da década de 1990 e a organização partidária é muito fragmentada, com legendas fracas e distantes da população. O modelo institucional, que deveria ser de equilíbrio entre Executivo e Legislativo, fica suscetível a instabilidades, vistas nessa série de presidentes que caem." Sem mudanças, afirma o analista, a eleição de novos protagonistas não interromperia "as crises políticas continuadas, que se estendem à economia, aos direitos individuais e coletivos, ao bem-estar social e até ao turismo, que se vê afetado em meio a esse cenário".

Desta vez, os conflitos vêm se agravando desde 7 de dezembro, data da tentativa de "autogolpe" de Pedro Castillo. Populista, professor e líder sindical eleito em 2021, ele é investigado por corrupção. Tentando se segurar no poder, somou mais de 60 trocas de secretários em um ano. Para escapar do quarto pedido de impeachment, Castillo foi à tevê dizer que dissolveria o Congresso e iria governar por decretos. A resposta dos parlamentares veio de imediato, com a destituição do presidente pela tentativa de golpe.

Com Castillo preso, sua vice assumiu. Mas Dina Boluarte não conta com o apoio dos próprios eleitores do titular,

FOTOS: PILAR OLIVARES/REUTERS; SEBASTIAN CASTANEDA/REUTERS; CRIS BOURONCLE/AFP; LUCAS AGUAYO ARAOS/ANADOLU AGENCY/ AFP

que estão nas ruas exigindo sua renúncia. Ou a volta do presidente eleito, ou a renovação do Congresso com novas eleições, ou a convocação de uma Assembleia Constituinte que reformule o sistema de governo. Essas manifestações, que haviam começado em focos pelo interior do país, foram crescendo e se espalharam por várias cidades peruanas, até chegar à capital.

REPRESSÃO Policiais em confronto com militantes em Lima, no dia 21, seis dias após o Estado de Emergência ter sido renovado

EFEITO DOMINÓ

A vice foi empossada sob protestos e tem sido criticada pela composição de seu gabinete. De cara, nomeou Pedro Angulo Arana, inimigo de Castillo, para presidir o Conselho de Ministros, cargo que se assemelha ao de um primeiro-ministro. Investigado por assédio sexual, o promotor do Ministério Público falou que os manifestantes tinham morrido porque falavam quéchua e "não entendiam ordens policiais em espanhol". Foi substituído por Alberto Otárola, então no Ministério da Defesa, que acusou os militantes de "ligação com narcotráfico e garimpo ilegal". O ministério foi se corroendo: os titulares da Educação e da Cultura saíram em dezembro. Em janeiro, depois da agressão ao jornalista Aldair Mejía, mais os mortos e feridos, renunciaram outros três ministros.

Em 21 de dezembro, o Congresso havia aprovado proposta da presidente de antecipar eleições em dois anos, para abril de 2024. Mas depois da trégua de fim de ano, ruas e estradas foram tomadas por protestos e faltam alimentos, combustível, gás e medicamentos, principalmente nas áreas pobres do sul, onde vivem quéchuas e aimarás. O país acumula prejuízos em torno de US$ 1,3 bilhão (R$ 6,6 bilhões) e padece com o endurecimento da repressão autorizado pela presidente em 19 de janeiro, quando indígenas, camponeses, estudantes e sindicalistas iniciaram a "Tomada de Lima". A governante estendeu o Estado de Emergência decretado em dezembro, restringindo direitos civis e fechando aeroportos, apoiada pelo ministro da Justiça, para quem o governo age em defesa da democracia.

No dia 26, após sete dias seguidos de protestos e com a sexta renúncia em seu gabinete (da ministra da Produção), Dina Boluarte enviou outra proposta ao Congresso, antecipando ainda mais as eleições, para outubro deste ano. Além do Executivo, também o Congresso seria renovado, com mandatos abreviados. A iniciativa foi rechaçada.

Em 2021, Pedro Castilho se elegeu com 50,18% dos votos, contra 49,82% de Keiko Fujimori, da extrema-direita. Especialista em Relações Internacionais, André Araujo observa que os manifestantes, dos polarizados em esquerda e direita aos mais difusos, a favor da volta de Castillo ou descontentes com o cenário político-econômico, não têm foco em um projeto político específico, mas mostram insatisfação com a situação em geral, que tem raízes históricas e problemas agravados pela pandemia. No meio dessa fogueira, a presidente reafirma que não vai renunciar. A conferir. ■

VIRAVOLTA Dina Boluarte foi empossada em dezembro passado, após o presidente Pedro Castillo ser detido em seguida a um golpe de Estado frustrado. Ela já está com a cabeça a prêmio

Cultura

LIVROS

por Felipe Machado

O artesão dos palcos

Biografia revela como o processo único de construção de personagens levou Marco Nanini a se tornar um dos maiores atores da história do País

Quando Marco Nanini descreve o processo de construção de seus personagens dá a impressão de que estamos diante de um artesão, não de um profissional dos palcos. A atenção às emoções em cada frase, a forma como se relaciona com os colegas e o ambiente, o uso minucioso da postura e do corpo. Após constatar tanto cuidado com os detalhes, fica mais fácil compreender como, ao longo de 58 anos de carreira, ele se tornou um dos maiores atores da história do País.

Já faz tempo que Nanini merece uma biografia. Quando fez 70 anos, o artista nascido no Recife, em Pernambuco, decidiu que era hora. Abriu seu baú de memórias para Mariana Filgueiras, que durante quatro anos o acompanhou em gravações, ensaios e momentos ao lado de Fernando Libonati, seu companheiro há mais de três décadas. O resultado é *O Avesso do Bordado*, livro que conta uma trajetória sem pausas. Desde que subiu ao palco pela primeira vez, em 1965, não houve um ano em que ele não estivesse trabalhando. A obra traz ainda episódios pessoais, das brigas com Ney Latorraca nos bastidores de *O Mistério de Irma Vap* ao caso amoroso com o diretor Wolf Maya. Também revela em

PARCERIAS QUE MARCARAM ÉPOCA

Com Ney Latorraca, dividiu um dos maiores sucessos da dramaturgia brasileira: *O Mistério de Irma Vap*

"A TV só me ganhou quando trabalhei com Guel Arraes", diz Nanini. A primeira parceria aconteceu na *TV Pirata, em 1988*

A Grande Família: o casal Lineu e Nenê, com Marieta Severo, foi campeão de audiência na Globo durante 14 anos

detalhes seu processo criativo único, que inclui a inspiração no comportamento dos animais para compor seus tipos.

Nanini conta casos da dramaturgia brasileira, muitos que se confundem com a sua história pessoal. Afinal, ele passou pelo teatro de vanguarda, mas também fez besteirol. Na TV, atuou em dezenas de novelas, minisséries e programas de humor, em diversos horários e para todas as faixas etárias. Brilhou no cinema, em produções bem sucedidas e outras nem tanto, das pornochanchadas da Boca do Lixo aos filmes de arte exibidos em festivais internacionais. É, sem dúvida, um dos mais versáteis atores brasileiros. Mas não foi sempre assim. Segundo Mariana, Nanini demorou para ficar confortável na TV e no cinema. "No início, ele gostava mesmo era de teatro", afirma ela. "Costuma dizer que a TV só o ganhou quando foi trabalhar com o diretor Guel Arraes." A autora também fala sobre o seu amor pela natureza. "Ele vive cercado de animais. São muitos cães e pássaros, os tucanos vem comer na sua mão. Brinca que os bichos formam o elenco particular que o acompanha." Nanini criou sozinho um método bastante original de trabalho. Em seus textos, as falas são marcadas com cores, vermelho para os trechos em que precisa demonstrar raiva, azul para as cenas mais tranquilas. É um sistema que inventou para compor seus personagens, "colorir o texto", como ele diz. Só poderiam ser palavras de um artesão dos palcos. ■

ENTREVISTA

Marco Nanini, 74 anos

"GOSTO MESMO É DE MERGULHAR NOS PERSONAGENS"

Ao longo de quase 60 anos de carreira, já interpretou centenas de personagens. Há algum favorito?
Tenho carinho por todos porque conheço bem os dramas e as alegrias de cada um deles. Destacaria a Emma, de *Pterodátilos*, o Juca Biruta, de *O Engraçado Arrependido*, o Pedro, de *Greta*, entre outros.

Os animais lhe servem de inspiração. O que eles trazem que não encontra em referências humanas?
Não busco imitar os animais, eles servem de inspiração para determinados personagens. Busco uma postura, uma reação, um olhar. Para a novela *Deus Salve o Rei*, observei um falcão, pois precisava da postura imponente. Animais e crianças são espontâneos, você não consegue prever uma reação, São uma eterna fonte de inspiração para a criação.

O que é mais importante na hora de criar o persoagem, o lado emocional ou o visual?
Gosto mesmo é de mergulhar no personagem. Tento ler tudo o que posso para entender o seu universo, o seu perfil, suas dores e emoções. Quero entender quem é aquela pessoa. A construção do visual faz parte, sempre gostei de sugerir detalhes, adereços, figurinos. Como foi no caso do olho de vidro, que usei em *O Auto da Compadecida*.

Com tantos papéis simultâneos na TV e no teatro, como faz para lembrar dos textos?
Existem métodos distintos para isso. No teatro, você ensaia muito e o texto vai ganhando corpo. Na TV e no cinema as cenas são gravadas de forma não cronológica, então dá para decorar as falas do dia.

Qual personagem Marco Nanini não fez e ainda gostaria de fazê-los?
Os personagens que gostaria de fazer são todos aqueles que ainda estão por vir. No momento estou muito interessado no personagem que Gerald Thomas está escrevendo para mim no espetáculo *Traidor*.

Apesar de dizer que não gosta de se expor, sua biografia é reveladora. Por que decidiu compartilhar tantas informações pessoais?
Há alguns anos eu e o Nando *(seu companheiro, Fernando Libonati)* convidamos o Gringo Cardia para fazer uma biografia iconográfica, mas não realizamos o projeto. Em 2017, conheci Mariana Filgueiras e, aos poucos, criamos intimidade. Tentamos fazer uma biografia que pudesse mostrar ao público um pouco da minha história. Deu certo.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

SUSPENSE *O Paciente*, com Steve Carell (à dir.): serial killer interpretado por Domhnall Gleeson sequestra o analista para forçá-lo a curar seu impulso por cometer crimes

Terapia em série

Luz, câmera, divã: a constante presença de psicólogos e psicanalistas nas produções atuais é um sinal da desorganização psíquica pela qual passa a sociedade moderna

Felipe Machado

Talvez seja a crise existencial em que vivemos como a sociedade do vazio e das aparências das redes sociais, talvez seja a reflexão causada pela pandemia. A verdade é que a psicologia e os profissionais da área nunca estiveram tão presentes em obras de ficção como vemos hoje em dia. Não é preciso ir longe: basta olhar o enorme número de novas produções que trazem psicoterapeutas e psiquiatras como protagonistas.

A AppleTV+ parece gostar especialmente do tema. Depois do sucesso de *The Shrink Next Door*, inspirada pela história de um terapeuta (Paul Rudd) que se aproveita da fragilidade de seu paciente (Will Ferrell) para roubá-lo, a plataforma lança agora a divertida *Shrinking*. Criada por Bill Lawrence (coautor de *Ted Lasso*), traz um psicanalista que apresenta um defeito curioso: é sincero demais. Em vez de seguir as regras da profissão, Jimmy (Jason Segel) diz tudo que lhe vem à cabeça. É uma comédia original e inovadora, com destaque para os colegas assustados com seu comportamento, interpretados por Jessica Williams e o astro Harrison Ford.

O Paciente, da Star+, vai no caminho oposto. Em uma série claustrofóbica que se passa praticamente dentro de um quarto, o médico interpretado por Steve Carell é sequestrado e feito refém por um criminoso que lhe exige a cura para o seu impulso de matar. *Mindhunter*, da Netflix, também tem uma abordagem ligada ao combate ao crime. Conta a origem da divisão de análise psicológica criada pelo FBI para inves-

FOTOS: REPRODUÇÃO/DIVULGAÇÃO

SUCESSO A série brasileira *Sessão de Terapia* e a norte-americana *Shrinking*: problemas dos pacientes discutidos na ficção

FREUD VAI AO TEATRO

A palavra "catarse", uma das expressões mais famosas usadas por Sigmund Freud, veio do teatro grego. Ele acreditava que "encenar" os problemas seria uma forma de resolvê-los. Pois o médico acabou inspirando a ficção nos palcos. *A Última Sessão de Freud*, peça de Mark St. Germain, em cartaz em São Paulo, é baseada no livro *Deus em Questão*, de Armand Nicholi Jr., professor de psiquiatria da Harvard Medical School. A história se passa em 1939, em Londres, onde o pai da psicanálise se asilou após deixar a Áustria, pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Ele recebe a visita do poeta C.S. Lewis, e os dois discutem a existência de Deus. Para confirmar a moda, a peça vai virar filme de Hollywood, com Anthony Hopkins no papel principal.

tigar casos complexos de assassinatos em série – tema que rendeu, entre outros, o clássico *O Silêncio dos Inocentes*, com Anthony Hopkins.

Para o psiquiatra e psicanalista lacaniano Jorge Forbes, esses lançamentos captam o *zeitgeist* (o espírito do tempo) do momento. "Nessa sociedade em rede, tentamos explicar a subjetividade humana", explica ele. Para Forbes, o grande tema da atualidade é a saúde mental. "Usamos a expressão no singular, mas existem muitas 'saúdes mentais'. Isso cria dúvidas na maneira como as pessoas se relacionam. As pesquisas sobre o funcionamento do cérebro e a decodificação do DNA prometeram respostas que não vieram. O público passou a procurá-las em outros lugares, inclusive na ficção." Como exemplo bem sucedido, Forbes cita a repercussão positiva da série brasileira *Sessão de Terapia*, inspirada na israelense *BeTipul*.

É possível descrever um dos momentos em que o cinema se apaixonou pelo tema: foi em dezembro de 1962, quando John Huston dirigiu Montgomery Clift em *Freud, Além da Alma*, e levou para casa dois Oscars. Desde então, Hollywood nunca mais abandonou os terapeutas e seus casos complicados. Da *Família Soprano* à *Máfia no Divã*, sempre que algum personagem precisa refletir sobre sua própria existência, duas poltronas são colocadas frente à frente e a consciência passa a ser dissecada em frente aos olhos do público. Nem Freud escapou. Depois do clássico de Huston, ele só veio a ser retratado novamente em 2012, quando David Cronenberg escalou Viggo Mortensen para o papel do gênio austríaco, no filme *Um Método Perigoso*. De lá para cá, sua influência tem aparecido tanto nos consultórios quanto diante das câmeras. ■

DRAMA *A Última Sessão de Freud*: peça questiona a existência de Deus

PODEROSA
Bete Coelho, em *Molly-Bloom*: inspiração na força e perseverança de Medeia

TEATRO

Olhar feminino sobre *Ulysses*

Sob direção de Daniela Thomas e Bete Coelho – que também atua –, o clássico de James Joyce ganha o palco com o nome de *Molly-Bloom*

O imortal *Ulysses*, romance do irlandês James Joyce publicado há mais de um século, segue enigmático a muitos leitores. Transpor sua complexa linguagem para o teatro, portanto, deve ter sido um enorme desafio para o tradutor do texto, Caetano W. Galindo, e para as diretoras Daniela Thomas e Bete Coelho - Bete também atua como atriz . Em cartaz até 26 de março no Teatro Unimed, em São Paulo, a peça aborda a relação do casal protagonista, Leopold e Molly Bloom. Depois de passar 18 horas, no dia 16 de junho de 1904, passeando pelas ruas de Dublin, ele volta para casa, onde encontra a esposa adormecida. Molly desperta e dá início, então, a sua odisseia mental — um fluxo ininterrupto de pensamentos que a levam de volta ao passado, aos sonhos da infância e aos amores proibidos do adultério. Para construir sua performance, Bete Coelho afirma ter-se inspirado em outras mulheres fortes da dramaturgia, como Cacilda, de José Celso Martinez Corrêa, e Medeia, quando foi interpretada por Consuelo de Castro. Diz ainda que o desejo de fazer o papel de Molly vem de longa data, quando conheceu a personagem por meio de Haroldo de Campos, em saraus e eventos culturais. A cenografia de Daniela Thomas, faz referência conceitual ao livro: assim como na obra de Joyce, o público tem acesso a diversos ângulos da história.

Outro irlandês na dramaturgia

James Joyce não é o único escritor da Irlanda a brilhar nos palcos paulistanos nessa temporada: *O Dilema do Médico* (foto), adaptação de Bernard Shaw, está em cartaz no Auditório do MASP, até 26 de março. É a primeira vez que o texto é encenado no País. Dirigido por Clara Carvalho, conta a história de um cientista que descobre a vacina contra a tuberculose. Como tem uma única dose à disposição, tem de optar entre aplicá-la em um artista ou em outro médico. Em tempos de pandemia, a discussão sobre o valor da ciência e a ética médica traz o texto de 1953 para a atualidade.

PARA LER

Balada de Amor ao Vento é o romance de estreia de **Pauline Chiziane**, vencedora do renomado prêmio Camões em 2021. Escrito originalmente em 1990, narra uma história de amor e solidão. Foi o primeiro romance publicado por uma mulher em Moçambique.

PARA VER

A Cinemateca Brasileira, em São Paulo, realiza uma retrospectiva dedicada à obra de **David Lynch**. Serão exibidos oito filmes do cineasta, incluindo *Cidade dos Sonhos* (foto), e episódios da série *Twin Peaks*. Em cartaz até 12/2.

PARA OUVIR

Depois abrir os shows da banda Coldplay, em 2016, a cantora britânica **Lianne La Havas** volta ao País para o lançamento do seu terceiro álbum. A nova dama da soul music fará dois shows intimistas no Cine Joia, em São Paulo, em 9 e 10/2.

MÚSICA

Jazz na conexão Noruega-Brasil

Como soaria uma banda de jazz da Noruega com a participação de músicos brasileiros? Paal Nilssen-Love, um dos maiores bateristas de jazz da atualidade, quer descobrir. Ele está no Brasil para uma turnê do projeto NOR-BRA Love, que tem shows marcados em Campos do Jordão, no Festival de Verão (5/2), em São Paulo, (8/2), e nas cidades de Jundiaí (9/2) e Rio de Janeiro (de 10 a 12/2). O repertório do grupo surgiu em uma residência artística no Instituto Vermelhos, em Ilhabela, litoral paulista. Considerado um dos músicos mais inovadores e versáteis pela publicação *Down Beat*, Love começou a carreira em "casa". Seu pai, também baterista, era proprietário de um tradicional clube de jazz em Stavanger, cidade histórica fundada no século 12. Love, porém, não segue a tradição. Seu estilo livre e intenso soa mais ao jazz de vanguarda, repleto de improvisos e sons experimentais. É inspirado por álbuns como *Bitches Brew*, de Miles Davis, e *New Thing at Newport*, de John Coltrane e Archie Shepp, entre outros clássicos do free jazz. Love segue essa tendência em seu próprio festival, All Ears, evento sediado desde 2002 em Oslo, a capital norueguesa. Nas apresentações pelo Brasil, o baterista estará acompanhado por um time de peso: Rolf-Erik Nystrom, saxofonista e membro da Filarmônica de Oslo, e Kalle Moberg, acordeonista e ex-cantor do Palácio Real Norueguês. Completam o time os brasileiros Pablo Carvalho (percussão), Vanessa Ferreira (contrabaixo) e Negro Leo (voz e violão). Segundo o guitarrista Pat Metheny, Love é "um dos melhores novos músicos que surgiram nos últimos anos". Os brasileiros vão concordar.

VIRTUOSOS Paal Nilssen-Love (acima) e Vanessa Ferreira (à esq): vanguarda

STREAMING

Nasce um clássico de Bollywood

Um filme indiano com três horas de duração é um improvável candidato ao Oscar. ***RRR – Revolta, Rebelião, Revolução*** conta a história de Alluri Sitarama Raju e Komaram Bheem, dois amigos que se unem para lutar contra o colonialismo britânico nos anos 1920. É um típico filme de Bollywood, como é chamada a indústria do cinema na Índia – tem muita dança, aventura e lições de moral. Vale a pena pelos efeitos especiais e pelo hit *Naatu Naatu*, indicado ao prêmio de Melhor Canção.

MUSICAL

Um espetáculo encantador

Sucesso do Disney+, um dos filmes com maior audiência em 2022 virou um musical. ***Cantando com Encanto***, versão ao vivo do filme criado por Lin-Manuel Miranda, fica em cartaz no Teatro Villa-Lobos, em São Paulo, até 12 de fevereiro. Em seguida, percorrerá outras cidades do País. O enredo conta a história de uma família que vive nas montanhas da Colômbia, em uma casa mágica. O repertório, que reúne a trilha sonora da produção, inclui a canção *Dos Oruguitas*, indicada ao Oscar.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

A INTERNAÇÃO

Estou há três dias internado num hospital.

Sinto-me dentro do filme "O Discreto Charme da Burguesia", do Buñuel.

Como no clássico, não consigo concluir uma única tarefa sem ser interrompido, no meu caso, por um gentil profissional de enfermagem.

Tento ver TV.

— Olá Sr. Mentor. Sou a Jenifer e vim medir sua pressão.

Tento jantar.

— Olá Sr. Mentor. Sou o Wellington e vim medir sua temperatura.

Olá, Olá, Olá, eu sou, eu sou, eu sou.

Gente educada e profissional.

Longe de mim criticar quem cuida da minha saúde.

Mas desisti de decorar seus nomes.

É desnecessário, porque a mesma pessoa nunca invade meu quarto mais de uma vez.

É sempre alguém novo.

Agora entrou o André.

— Glicemia, seu Mentor. - anuncia sua meta e já assume intimidade.

Diz que é "da quebrada" e que trabalha naquele hospital há mais de nove anos.

Ele mesmo não deve ter mais do que uns 30 anos de idade.

Gosto dele de cara. Cabelos raspados com Gillette, falador, bom sujeito.

— O senhor sabe que minha vida mudou depois de alguns anos trabalhando aqui? - confessa enquanto prepara o equipamento para furar meu dedo.

— Mesmo? O que aconteceu? - pergunto.

— Nada de especial. Apenas comecei a prestar atenção nas histórias de cada um, entende? Porque todo mundo tem uma história que ensina alguma coisa. Mas não é todo mundo que escuta os velhinhos de 95... 100 anos.

Penso se ele imagina que essa seja minha idade.

— Eu comecei a escutar. - continua.

— Puxa... que bom! E o que você aprendeu com isso?

André me olha pensativo.

— Ah, muita coisa. - espeta a ponta do meu indicador e espreme para conseguir uma gota de sangue.

— Me dá um exemplo.

— Por exemplo, aprendi a diferença entre a ansiedade e a pressa.

— Verdade? E qual é a diferença?

André esfrega meu dedo no aparelho que mede a glicose e apoia o equipamento na cama, para poder utilizar as mãos em gestos amplos.

— Bom... é assim... ansiedade é muito ruim. Faz a gente ficar tenso para conquistar as coisas, entende? - traz as mãos perto do peito, constrito, com uma expressão facial cheia de rugas.

Continua:

— A ansiedade aperta o coração da gente e acaba criando a maioria das doenças. Essa tensão toda faz muito mal e muitas vezes nem percebemos.

André relaxa o gesto quase teatral e agora olha para um horizonte imaginário, meditativo.

Dou alguns segundos para que ele se recupere emocionalmente e continue sua explanação.

Mas ele mantém o silêncio.

— E a pressa, André? - pergunto.

André volta os olhos para mim e sorri.

— Ah, a pressa... a pressa é quando vemos o que queremos lá na frente. E corremos, corremos, corremos para alcançar, percebe? Traçamos nossos ideias e vamos à busca deles, com cada vez mais vontade.

— E isso é bom?

— Claro que não. Porque aí, quando não alcançamos o que queremos, vem a angústia, o sofrimento, a ansiedade, as doenças e tudo mais que eu já falei.

Fico olhando para André, tentando encontrar uma mensagem positiva em tudo isso.

— Então o que você está me dizendo é que...

— Que não tem jeito, seu Mentor. Estamos ferrados de qualquer jeito. - ele responde juntando seus equipamentos.

— E é isso que você aprendeu com os velhinhos de 100 anos?

— Foi isso. - caminha para a porta - Melhoras para o senhor!

— André?

— Sim, senhor?

— E quanto deu a glicemia?

— 171. Altíssima. Olha aí o que eu estou falando.

171.

Faz sentido.